UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESTÁGIO III – TREINO EM PESQUISA

SELEÇÃO DE PARCEIROS AMOROSOS – ESTUDO DE CASOS DE PESSOAS CADASTRADAS EM AGÊNCIAS DE CASAMENTO E NÃO CADASTRADAS

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2006.

ANGÉLICA RICOFKA
REGIANE DE OLIVEIRA DE SOUZA
SILVIA LETÍCIA CORRÊA DOS SANTOS
WELLINGTON OLIVEIRA DOS SANTOS

SELEÇÃO DE PARCEIROS AMOROSOS – ESTUDO DE CASOS DE PESSOAS CADASTRADAS EM AGÊNCIAS DE CASAMENTO E NÃO CADASTRADAS

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina Estágio III – Treino em Pesquisa, orientado pela Professora Lidia Natalia Dobrianskyj Weber.

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2006.

SUMÁRIO

RESUMO.....5
JUSTIFICATIVA.....6
REVISÃO DE LITERATURA.....7
1.1. RELACIONAMENTOS – FICAR, NAMORAR E CASAR.....7
1.2. SELEÇÃO DE PARCEIROS AMOROSOS.....10
1.3. FLERTE.....12
1.4. TIMIDEZ NOS RELACIONAMENTOS.....14
1.5. ASSERTIVIDADE.....17
1.6. AUTO-ESTIMA.....18
1.7. AMOR.....19
OBJETIVOS.....27
2.1. GERAL.....27
2.2. ESPECÍFICOS.....27
MÉTODO.....28
RESULTADOS.....30
DISCUSSÃO.....44
REFERÊNCIAS.....50
ANEXOS.....52

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1: Histograma com indicativos percentuais das idades dos respondentes agenciados e não agenciados. 30
Figura 2: Histograma com percentuais do gênero dos respondentes agenciados e não agenciados. 31
Figura 3: Histograma com percentuais da escolaridade de pessoas agenciadas e não agenciadas. 31
Figura 4: Histograma do percentual da idade em relação ao escore de timidez. 32
Figura 6: Histograma de percentuais de timidez em relação ao gênero dos participantes. 33
Figura 7: Histograma dos percentuais de gênero sociabilidade. 34
Figura 8: Histograma de percentuais de auto-estima em relação ao gênero. 35
Figura 9: Histograma com percentuais de agenciados e não agenciados em relação à sociabilidade. 36
Figura 10: Histograma com percentuais de auto-estima em relação aos indivíduos agenciados e não agenciados. 36
Figura 11: Histograma de percentuais de escore de timidez em relação à escolaridade. 37
Figura 12: Histograma dos percentuais de timidez entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 38
Figura 13: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Eros entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 39
Figura 14: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Ludus entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 39
Figura 15: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Estorge entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 40
Figura 16: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Mania entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 41
Figura 17: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Pragma entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 42
Figura 18: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Ágape entre pessoas agenciadas e não agenciadas. 42

RESUMO

Nos dias atuais, onde formas rápidas de relacionamento, como o ficar, ganharam espaço em detrimento de velhas práticas, a seleção de parceiros amorosos está se tornando algo cada vez mais complexo. O objetivo desta pesquisa foi comparar adultos cadastrados e não cadastrados em agências de casamentos em relação a diferentes variáveis interpessoais: estilos de amor (Eros, Mania, Ludos, Pragma, Agape e Estorge), timidez, sociabilidade e auto-estima. Participaram 226 pessoas, sendo 131 agenciadas e 95 não agenciadas, de ambos os sexos, a partir de 18 anos. Foram usadas as seguintes escalas: Escala de Timidez e Sociabilidade, de Cheek e Buss (1981); Escala Auto-Estima de Rosenberg (1965) (*Rosenberg Self-Esteem Scale*); Inventário Assertivo de Alberti & Emmons (1978); Escala de Estilos de Amor de Hendrick e Hendrick (1986), adaptada para uma versão reduzida de 24 questões (Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998). A análise dos dados coletados foi realizada por meio do Programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) com o teste de Qui-quadrado para comparação de médias, teste *t de Student, Correlação de Pearson* e ANOVA. Resultados obtidos: a relação entre idade e timidez dos pesquisados não foi significativa (χ^2=6,237; gl=6; p>0,05); A relação entre idade e auto-estima foi significativa (χ^2=13,780; gl= 6; p<0,05). Indivíduos com menos de 30 anos obtiveram maiores índices de baixo escore de auto-estima, e indivíduos com mais de 50 anos mostraram maiores percentuais de alto escore em auto-estima; Em relação ao gênero e timidez, não houve diferença significativa (χ^2=0,550; gl=2; p>0,05); Não foi significativa a relação entre sociabilidade e gênero (χ^2=3,087; gl=2; p>0,05), e a maior parte dos pesquisados apresentou médio escore de sociabilidade; Em relação ao gênero e auto-estima, não houve diferença significativa (χ^2=1,029; gl=2; p>0,05); A relação entre sociabilidade e agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=0,378; gl=2; p>0,05); A relação entre auto-estima de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2=42,885; gl= 2; p<0,01); Em relação à escolaridade e timidez, não houve diferença significativa entre os pesquisados, (χ^2=7,548; gl=6; p>0,05); A relação entre timidez de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=,087; gl= 2; p>0,05). No entanto, não agenciados têm uma tendência a serem mais tímidos que os agenciados; Estilos de amor. A relação entre o Estilo de Amor Eros de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2 =39,229; gl=2; p<0,01); A relação entre o Estilo de Amor Ludus de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2=7,765; gl=2; p<0,05); A relação entre o Estilo de Amor Estorge de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=1,023; gl= 2; p>0,05). Tanto agenciados como não agenciados obtiveram maiores percentuais de baixo escore de Estorge; A relação entre o Estilo de Amor Mania de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=0,412; gl=2; p>0,05); A relação entre o Estilo de Amor Pragma de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=2,894; gl=2; p>0,05); A relação entre o Estilo de Amor Ágape de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2=4,446; gl=2; p>0,05). Não agenciados tendem a ser um pouco mais tímidas que as agenciadas, mas os não agenciados tendem a ser mais sociáveis. Pessoas cadastradas em agencias de casamento apresentam auto-estima menor que as não cadastradas. As cadastradas tendem a se enquadrar no estilo de amor Pragma; não cadastradas tendem a se encaixar no estilo Eros, Ludos, e um pouco em Mania. Nenhum dos grupos se encaixou nos estilos Estorge e Agape. Os dados dessa pesquisa sugerem que novas pesquisas na área devem ser feitas, visto o crescente número de pessoas que busca auxilio em agencias matrimoniais.

Palavras-chave: relacionamento amoroso; estilos de amor; agencias de casamento.

JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa teve como propósito comparar os participantes cadastrados e não cadastrados em agências de casamento para identificar a possibilidade de obtenção de êxito em suas buscas amorosas, e dessa forma propor técnicas mais apropriadas de apoio psicológico. Para isso, foram realizadas comparações em relação à timidez, auto-estima, sociabilidade e estilos de amor, entre agenciados e não agenciados.

Questões como essas foram discutidas para descobrir o perfil dos participantes na seleção de seus parceiros amorosos, verificando de que forma as características comportamentais citadas influenciam em suas escolhas e observar se há diferenças significativas entre os agenciados e não agenciados.

Assuntos como esses, que envolvem a vida amorosa dos indivíduos, são importantes de serem estudados, pesquisados e discutidos, pois são questões que fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas.

REVISÃO DE LITERATURA

1.1. RELACIONAMENTOS – FICAR, NAMORAR E CASAR

As formas de relacionamento são modificadas com o passar do tempo, por isso é interessante analisar as relações amorosas a partir do passado. O contato amoroso faz parte da vida de todos os indivíduos, pois ninguém consegue viver só, “ser uma ilha”, e esse contato pode acontecer das mais diferentes formas.

Segundo Stenberg (citado em Weber, 2006) existe três ingredientes primários a paixão, a intimidade e o compromisso, que combinados produzem oito tipos de relacionamentos amorosos.

- Gostar: só intimidade
- Amor romântico: intimidade + paixão;
- Amor completo: intimidade + paixão + compromisso;
- Amor companheiro: intimidade + compromisso;
- Amor louco: só paixão;
- Amor tolo: paixão + compromisso;
- Amor vazio: só compromisso.

Até meados do século XX, os critérios para escolha de parceiros se davam de acordo com ideais que raramente incluíam a atração amorosa, pois eram os pais dos jovens que escolhiam a (o) pretendente e essa escolha dependia basicamente da posição social da família do noivo e/ou da noiva, por isso não se pode basear nos filmes de romance da época.

Não se pode negar que atualmente o inicio dos relacionamentos se dão com a paquera, um fenômeno que pode ser definido como uma atração pelo sexo oposto, tendo como característica a troca de olhares e o desejo de conhecer o outro, como relatam Segundo e Oliveira (s.d, apostila).

Milhares de anos atrás a coisa era resolvida de uma forma mais simples. A tradicional figura do homem das cavernas arrastando sua ”namorada” pelos cabelos, logo após acertá-la com a sua clava não foge tanto da realidade. As escolhas amorosas da pré-história se davam primordialmente pela capacidade do homem em proteger a sua prole e da mulher em procriar. (Segundo & Oliveira, s.d.).

> Assim sendo, percebemos que a paquera é um fenômeno recente, e de pouco adiantará retirar aquela “clava” do armário, ostentar suas riquezas ou coagir a sua “presa”. Ao contrário, esta nova visão do amor comprova a noção de que todos estão habilitados para a paquera, pois ela não requer beleza física extraordinária, uma conta gordinha no banco ou intelecto digno de um Prêmio Nobel. (Segundo & Oliveira, s.d. p. 01).

Com o sucesso da paquera é introduzido um novo repertório de comportamento da cultura ocidental o chamado “ficar”, além dos velhos conhecidos namoro e casamento. “Ficar, namorar e casar são as formas de relacionamento amoroso mais experimentadas na atualidade, cada uma delas com características bem peculiares, mas que ao mesmo tempo se entrelaçam”.(Weber & Almeida, 2006, p. 12).

O ficar pode ser compreendido de diferentes formas, mas o foco principal que o diferencia do namoro é a intensidade do envolvimento e a intensidade do sentimento, pois alguns jovens ficam com pessoas que conheceram em uma “balada” e que jamais encontrarão novamente. Além do mais, o ficar para os adultos tem uma característica de promiscuidade, pois existem adolescentes que fazem competições do tipo quem fica com mais garotos (as) por uma noite, por exemplo. Os jovens se defendem dessas críticas que eles consideram “caretas”, dizendo que é a melhor forma de conhecer alguém especial para quem sabe começar um namoro.

O ficar é considerado uma característica da juventude, no entanto, existem adultos que aderem a esse tipo de relacionamento, em que não se existe um compromisso sério e duradouro.

Existem formas diferentes de ficar: existe o ficar em que só acontecem beijos e abraços por dias, semanas ou meses, enfim pelo tempo em que as pessoas envolvidas acham que devem relacionar-se; observa-se também o ficar que ultrapassa os beijos e abraços, onde foi inserida a relação sexual, que também pode ser por dias, semanas ou meses. É uma sensação nova, por isso acaba sendo complicado dar a este tema uma definição concreta, pois se acredita que muito ainda tem por vir, mas o que pode ser falado é que o “ficar” nada mais é do que uma maneira moderna de conhecer um indivíduo interessante para passar momentos felizes, afinal de contas nada é mais saudável do que se apaixonar, nem que seja por um tempo curto.

A segunda possibilidade de relacionamento é o namoro, que pressupõe um compromisso com regras pré-estabelecidas desde os primórdios, levando em consideração as mudanças ocorridas ao longo dos anos. Antigamente o namoro e também o noivado eram apenas etapas que precediam o casamento. Passado o momento da escolha, conforme

citado anteriormente, o casal namorava por um tempo pré-determinado pelos pais, namoro este nada parecido com os de hoje, o casal não se encontrava a sós, e mal conseguiam se beijar, outro aspecto que deve ser levado em consideração era o recato que as donzelas tinham que ter, sendo que a iniciativa deveria ser apenas do sexo oposto.

O namoro atual não é baseado nos namoros antigos, o mesmo sofreu uma profunda modificação, principalmente no que se refere ao papel da mulher, hoje verificamos que tanto o homem quanto a mulher tomam a iniciativa. Outra característica importante é a seleção de parceiros, encontramos nas pessoas a liberdade de optar por quem se quer namorar, além do mais existe também a possibilidade de escolher um individuo do mesmo sexo o que já é considerado um procedimento considerado normal. Segundo Weber e Almeida o que diferencia o ficar do namorar é "(...) o aspecto temporal (duração), ao grau de acesso corporal, ao nível de comprometimento emocional e mesmo o grau de expectativas".(Weber & Almeida, 2006, p. 17).

Também é importante falar sobre o noivado, um tema que antigamente tinha relevância e que agora é uma raridade. No passado, a maioria dos casais passava pelo ritual, namoro, noivado e casamento, que era de suma importância. Por outro lado, para a sociedade atual o noivado quase não existe mais, é raro ser convidado para uma festa de noivado, por exemplo, os casais estão "pulando" esta etapa, pois com a vida moderna, eles passam direto para o casamento ou simplesmente acabam tendo uma vida conjugal sem os trâmites legais.

No final desta longa jornada de tipos de relacionamento encontra-se o casamento, geralmente as pessoas ficam, namoram, noivam e finalmente casam-se. Como citado acima, os pares eram escolhidos pelas famílias e gostando ou não a pessoa era obrigada a casar e o fato da separação era repreendido pela sociedade.

> (...) mudança está, principalmente, no tipo de relacionamento que se busca. Saem às juras de amor eterno, a mulher obediente, o marido provedor de tudo. Entram as exigências de afinidade, sexo satisfatório, respeito e divisão de despesas. Se tudo isso existe, e se reforça com o tempo, bem. Se o casamento não tem essas coisas, cada um vai para o seu lado, atrás de nova tentativa. De preferência, sem grandes traumas. (Veiga & Granato, 1999).

Os casais não vêem a necessidade de entrar na igreja de véu e grinalda na busca pelo príncipe encantado para ser considerado um casamento, pois um relacionamento estável de mais de dois anos já é considerado casamento por lei. As pessoas casam-se, separam-se, casam-se novamente e nem por isso são apontadas nas ruas, esse fato se dá

pela exigência que há nos relacionamentos, onde a pessoa só o continua se é realmente feliz. Quem se casa acredita que é para sempre, no entanto a nova não vê problema em separar-se quando a incompatibilidade se apodera da relação, é a partir dai que o “até que a morte nos separe” perde adeptos.

> Um dos pontos principais do relacionamento é a maneira como os casais lidam com o prazer sexual. No passado, era comum o homem escolher uma mulher para casar e outra para realizar suas fantasias sexuais. Nessa visão, família e prazer na cama não tinham nada em comum. Hoje, o casal sabe que as duas coisas têm, sim, de andar juntas. (Veiga & Granato, 1999).

As formas de relacionamento amoroso, ficar, namorar e casar, estão presentes na vida da população, por isso, devem ser debatidos constantemente. É importante ressaltar que a maioria da população mantém ou já manteve um contato amoroso com outra pessoa, isso faz parte da vida cotidiana e saudável das pessoas. Todavia, o que se tem notado é que ainda há tabus quando o tema é relacionamento amoroso, os conceitos mudaram drasticamente nesta década, caindo em conflitos entre as gerações, que parecem não se conhecer e não se respeitar. Mas na verdade o que importa é relacionar-se de maneira que a parte esteja satisfeita, independente do tipo de relacionamento ou do sexo dos envolvidos. Parece dito popular, mas nota-se que a geração atual leva isso ao pé da letra, pois na verdade o que vale é ser feliz, seja de que jeito for, desde que isso não interfira no cotidiano do próximo.

1.2. SELEÇÃO DE PARCEIROS AMOROSOS

A seleção de parceiros amorosos é algo mais complexo do que se pode imaginar, pois está fortemente relacionada às pressões seletivas que moldaram o padrão de comportamento durante o período evolucionário. Trivers (citado em Borrione & Lordelo, 2005) considerou que a principal força propulsora da seleção sexual é o investimento parental que sexo corresponde na sua prole. Essa seleção visa o aumento da chance de sobrevivência e de reprodução de seus descendentes.

Existe uma diferença na escolha de parceiros entre homens e mulheres, segundo Borrione e Lordelo (2005), elas investem mais na prole e seriam mais exigentes quanto à escolha do parceiro, enquanto eles competem mais avidamente em prol da obtenção de membros do sexo oposto. Conforme Trivers (citado em Borrione & Lordelo, 2005) “a escolha

de parceiros ocorre não pelo que este pode representar no momento do ato sexual, mas pelo papel que este poderá desempenhar como pai/mãe de uma futura prole" (p. 37).

O sexo feminino tem maior seletividade e maior discriminação na escolha de possíveis parceiros, pois investem mais tempo e recursos na prole do que o homem. Por outro lado, o sexo masculino é menos discriminativo e possui maior competitividade intra-sexual.

"O sucesso reprodutivo do homem reside na sua capacidade de inseminar um maior de mulheres férteis". (Borrione & Lordelo, 2005, p. 38)

Ellis (citado por Borrione & Lordelo, 2005) afirma que a atração sexual varia de acordo com a cultura e depende da historia de vida de cada individuo. Os homens levam em consideração na sua escolha à capacidade de procriação da mulher, para isso foram desenvolvidos sinais para a seleção da melhor mulher: juventude, padrões de beleza física e formato corporal. Os homens geralmente selecionam mulheres dois anos e meio mais novas do que ele e quanto mais velho o homem, maior será a diferença que ele irá optar.

Os padrões de beleza física incluem: lábios cheios, pele clara, olhos claros, cabelos luminosos, tônus muscular, pele macia, comportamento alegre, expressão facial animada e alto nível de energia, pois essas características indicam a capacidade reprodutiva feminina.

Por outro lado, o formato do corpo exerce diferença cultural, pois ela não é universal, no entanto a simetria do rosto o é. Os homens levam em consideração a proporção entre cintura e quadril, onde o ideal situa-se ente 0.67 e 0.80. Conforme observado durante décadas de estudo, foi possível perceber que o homem geralmente quer uma mulher bonita, pois estando compromissado com uma mulher bonita seu status aumenta.

Outro aspecto importante na escolha do homem é a castidade e fidelidade da parceira, pois o homem precisa ter certeza de sua paternidade. A questão da virgindade é mais valorizada pelo homem do que pela mulher, embora haja diferenças culturais e temporais.

A preferência da mulher é mais complexa, levando em consideração que a gravidez tem um custo muito maior para ela e dessa forma a escolha deve ser mais cuidadosa. Para a mulher os aspectos importantes na seleção de parceiros são: recursos financeiros, status social, idade, comportamento e personalidade, inteligência, similaridade e algumas características físicas. A escolha de parceiros com mais recursos financeiros possibilitou a sobrevivência e reprodução dos ancestrais femininos. O status social está diretamente ligado com os recursos financeiros, pois indica uma habilidade masculina em investir na mulher e na sua prole.

As mulheres preferem homens um pouco mais velhos, em média três anos e meio a mais, pois são considerados mais interessantes, com maior status e poder, porém os homens muito mais velhos não são desejáveis, pois têm uma morte mais provável e a mulher ficará sozinha com os filhos. Existem duas maneiras da mulher escolher um homem mais novo: quando ambos são de baixo status social e quando a mulher é de alto status social.

O sexo feminino não leva em consideração somente os recursos financeiros, mas também o comportamento e a personalidade. É importante o homem ter ambição e capacidade de trabalho, pois essas características ajudavam a mulher a resolver problemas de adaptação em obter recursos. Estabilidade emocional e confiança também são necessárias, pois mostram que recursos serão providenciados ao longo do tempo.

A inteligência também é valorizada, demonstrando a capacidade paterna, o conhecimento cultural, fluência oral, habilidade para influenciar outros membros do grupo, previsão sobre perigos do futuro, capacidade para resolver problemas, empatia e habilidade social. Selecionando parceiros inteligentes elas aumentam as chances de receber esses benefícios.

A similaridade é considerável para uma relação ser duradoura, dessa maneira o casal terá objetivos mútuos, isto é, com os mesmos valores e interesses.

Para Weber (2006), as características físicas não deixam de ter sua importância, tamanho, força, boa saúde, quadris estreitos, corpo simétrico, ombros mais largos que quadris, queixo, bochechas, olhos e sorriso proeminentes, pomo de adão saliente e pernas longas são desejáveis. A mulher deseja um homem que a proteja, por isso, os baixos são indesejáveis na escolha permanente. Um parceiro pouco saudável coloca em risco a saúde da mulher e de sua família; é menos capaz de providenciar comida, proteção, saúde e educação; tem um grande risco morrer; além de poder transmitir alguma doença hereditária para seus filhos.

1.3. FLERTE

O inicio de um relacionamento, entre a espécie humana e outras do reino animal, é marcado por um período conhecido como flerte ou cortejamento, em que os sexos se envolvem numa sucessão de comportamentos que indicam sua disponibilidade e seu interesse – ou não – ao outro. Entre os humanos, isso pode variar não somente entre as culturas, mas também entre as épocas. É provável que o príncipe não perdesse tanto tempo

declamando seu amor a Rapunzel na janela da moça nos dias atuais. Ele, provavelmente, mandaria um e-mail ou a adicionaria em um desses sites de relacionamento.

Porém, mesmo com as diferenças culturais, existiriam, conforme a pesquisa de Weber (1998), comportamentos de flerte não-verbais, resultados da seletividade na filogênese, comuns a todos os seres humanos. Isto é, o comportamento de flerte não-verbal apresentado por um ocidental teria muitos elementos parecidos com o apresentado por um oriental, por exemplo.

Seria importante para os sexos saber reconhecer os sinais não-verbais do flerte, pois estes seriam mais importantes que os verbais. Sobre os últimos, mais importante que um bom assunto seria uma boa forma de abordagem do assunto. E a importância de um bom flerte estaria no fato de que

> [...] uma pessoa que consegue vivenciar diversas situações bem sucedidas de cortejamento, passa a ter pontos favoráveis em sua auto-estima e, como conseqüência, ocorre um aumento na probabilidade de seleção de um parceiro que venha de encontro às suas expectativas e necessidades amorosas (Weber, 1998).

O comportamento não verbal de um flerte bem sucedido envolveria uma certa aparência de submissão e infantilidade do indivíduo que o pratica. Isso seria uma forma de demonstrar para o provável parceiro que sua aproximação não é agressiva; que ele é “de confiança”. Outras espécies animais adotariam estratégias parecidas durante a corte (Weber, 1998). Na espécie humana, o flerte seria mais demorado que em outros grupos. E as mulheres teriam critérios de seleção mais complexos que os homens, pois cabe a elas o cuidado inicial da prole – que começa com os nove meses de gravidez.

Baseando-se em seus estudos na literatura que trata do cortejamento, Weber (1998) nos apresenta uma divisão do período de cortejamento em pelo menos seis fases (alertando, é claro, que essas fases não são fixas ou obrigatórias):

1 – a primeira fase seria a de atenção: homens e mulheres usariam de estratégias para chamar a atenção do outro. Essas estratégias seriam, basicamente, troca de olhares, orientação corporal em direção da pessoa e comportamentos de automanipulação;

2 – a segunda fase seria a de reconhecimento, que começa com a troca de olhares. Os indivíduos atentam para o modo de se comportar do outro. A exibição do comportamento infantilizado é necessária, por parte de quem é observado, para ganhar a afeição;

3 – a terceira fase: conversação de sedução. Os sexos interagiriam verbalmente. Aqui, como dito anteriormente, mais importante do que se fala é o modo como se fala (a conversa se desenvolve num ritmo mais suave, mais musical, semelhante ao modo como os adultos se dirigem a uma criança);

4 – o contato físico seria a quarta fase. Ela pode começar com um simples encontro dos pés, até uma aproximação de ombros. A resposta do outro define o sucesso ou não aqui. Uma aproximação do outro lado seria um sinal de aprovação; um recuo e afastamento seriam uma desaprovação;

5 – a quinta fase seria a da sincronia corporal/excitação sexual. Os sexos imitariam o comportamento um do outro (p.ex., quando ela passa as mãos pelos cabelos, ele faz o mesmo), mantendo o encontro dos olhares, numa espécie de coreografia que está relacionada ao desejo sexual mutuo;

6 – a sexta e última fase do cortejamento seria a resolução sexual. A questão biológica parece ser a meta, então, do cortejamento. Mas é interessante que, em muitos casais, o ritual do cortejamento já não existe. Segundo a autora, isso pode estar relacionado ao fato de que no casamento a conquista do parceiro sexual já não é necessária – e, conseqüentemente, o flerte já não tem utilidade.

1.4. TIMIDEZ NOS RELACIONAMENTOS

Praticamente, todas as pessoas têm o desejo de encontrar um amor para a vida toda. Porém, encontrar essa pessoa especial não é uma das tarefas mais fáceis, e várias pessoas obtêm algum tipo de ajuda para que seu objetivo seja alcançado. Esse papel é muitas vezes desempenhado por amigos, parentes e colegas. Uma pesquisa coordenada por Ailton Amélio da Silva, psicoterapeuta e professor da USP*,* indica que a apresentação é o segundo caminho mais usado no início de um relacionamento (Revista Veja, 16 de junho de 2004). Ailton Amélio afirmou que "Quem apresenta serve de fiador, pois empresta um pouco de sua credibilidade ao apresentado" e "Mostra pontos em comum e facilita a conversa entre duas pessoas que acabaram de se conhecer" (Revista Veja, 16 de junho de 2004).

Segundo Ailton Amélio, "Para arrumar namorado não existe segredo. Você só precisa estar no lugar certo e ter uma dose extra de motivação" (Revista Veja, 13 de agosto de 2003). Porém, algumas pessoas são mais tímidas e possuem maiores dificuldades em iniciar uma conversa com outro indivíduo. Pesquisas indicam que cerca de 50% da população

mundial sofre de timidez (Oliveira & Segundo, s/d). A medicina e a psicologia demoraram tanto tempo para perceber o fenômeno da timidez, justamente porque os tímidos não costumam reclamar de seus problemas ou têm medo de que as outras pessoas desaprovem as suas “fraquezas” (Oliveira & Segundo, s/d).

> A timidez pode ser definida como um desconforto ou inibição em situações interpessoais que atrapalham o indivíduo na conquista de seus objetivos pessoais ou profissionais. Trata-se de uma forma de autofoco excessivo, uma preocupação com os pensamentos, sentimentos e reações físicas de si mesmo e do outro. (Oliveira & Segundo, s/d).

A timidez pode ser de dois tipos: crônica ou situacional. A timidez crônica é definida por ser um traço da personalidade do indivíduo, enquanto a situacional ocorre em determinadas situações da performance social do indivíduo. Há uma gama enorme de situações que desencadeiam a timidez, como o contato com estranhos, interações com o sexo oposto, entre outras.

Ainda há uma grande polêmica sobre a origem da timidez. Enquanto alguns acreditam que há uma considerável predisposição genética (observável em recém-nascidos), uma maioria afirma que é no aprendizado, no cotidiano de crianças ou adolescentes, que se começa a experimentar inibições em diferentes graus (Oliveira & Segundo, s/d). Conforme Oliveira e Segundo, a timidez possui uma função reguladora, pois ela impede que as pessoas ajam de formas consideradas socialmente inadequadas. Porém, o excesso de limites, próprio da natureza do tímido, começam a incomodá-lo. A pessoa tímida acaba sofrendo com o isolamento, pois possui um número pequeno de amigos, não conseguindo ampliar seu circulo de amizades e passa por grandes dificuldades com pessoas do sexo oposto.

Oliveira e Segundo relatam que adolescentes tímidos começam a namorar mais tarde em relação aos demais, e geralmente escolhem menos do que são escolhidos. Eles acabam se relacionando com pessoas que tomaram a iniciativa de abordá-los, o que significa que nem sempre eram aquelas pelas quais ele tinha verdadeiro interesse. Na idade adulta, eles casam-se mais tarde, têm menos filhos, apresentam mais doenças do que as pessoas que não sofrem com a timidez e também, geralmente, têm menor sucesso no emprego, conseguindo menos promoções do que os colegas. (Oliveira & Segundo, s/d).

Os sintomas da timidez podem ser cognitivos, afetivos, fisiológicos e comportamentais (Oliveira & Segundo, s/d). Os sintomas cognitivos incluem: pensamentos negativos sobre si mesmo, medo de avaliação negativa, preocupação, perfeccionismo, autoculpa

(particularmente após interações sociais) e crenças negativas sobre si mesmo e sobre os outros. Os sintomas afetivos são de embaraço, vergonha, baixa auto-estima, tristeza, melancolia, solidão, depressão e ansiedade. Os fisiológicos abrangem ritmo cardíaco acelerado, secura na boca, tremedeira, transpiração, entre outros. E os sintomas comportamentais são de aversão à troca de olhares, evitação de situações temidas, voz baixa, movimentação e expressão corporal reduzida e falta de fluência verbal. (Oliveira & Segundo, s/d). De acordo com Oliveira e Segundo, esses sintomas podem se tornar respostas condicionadas diante de situações semelhantes. Ou seja, se em uma situação de paquera ele apresentar algum desses sintomas, é provável que em outras situações como essa, ele tenha novamente esse comportamento.

Quando a pessoa é muito tímida, a timidez pode atrapalhar nos relacionamentos amorosos. Segundo Amélio, "A timidez é o maior inimigo dos solitários" (Revista Veja, 13 de agosto de 2003). Por medo da rejeição, o tímido prefere manter distância a arriscar uma aproximação. "Para vencer essa barreira, o tímido precisa a cada dia fazer uma pequena ousadia. Se num dia ele só cumprimentou a pessoa, no seguinte deve voltar a cumprimentá-la, e com mais ênfase", segundo Ailton Amélio, (Revista Veja, 13 de agosto de 2003).

"O tímido é alguém que se sente ameaçado, desconfortável e tenso em situações que são agradáveis para as demais pessoas", conforme o psicólogo francês Christophe André (Revista Veja, 26 de maio de 1999). Atualmente, a timidez é vista como um distúrbio e que nos casos mais incômodos pode e deve ser tratada. A genética afirma que 20% das pessoas nascem tímidas (Revista Veja, 26 de maio de 1999). Porém, é preciso ressaltar que a maioria dos tímidos não é doente. "São pessoas normais que, de certa forma, vão levando a vida social aos trancos e barrancos, esquivando-se dos vizinhos, evitando festas e limitando o contato com os amigos ao mínimo possível", segundo Lynne Henderson, psicóloga da Clínica de Tímidos de Palo Alto, na Califórnia, (Revista Veja, 26 de maio de 1999). "Para elas também existem soluções simples que dispensam até mesmo o acompanhamento profissional"., afirma Henderson (Revista Veja, 26 de maio de 1999). "O tímido quer fazer uma coisa, sabe fazer, mas não consegue", conforme o psicólogo americano Philip Zimbardo (Revista Veja, 26 de maio de 1999).

A timidez é devida também pela hereditariedade. "Pais tímidos geram filhos tímidos. Mas crianças tímidas nem sempre se transformam em adultos inibidos".segundo Ruiz & Granato (Revista Veja, 26 de maio de 1999).

As formas de tratamento para a timidez variam conforme a gravidade do sintoma. Na maioria dos casos a psicoterapia é a forma mais procurada, e ao longo das sessões é possível fazer com que a pessoa controle seus bloqueios. "Quando está interessado em alguém, o tímido tende a supervalorizar as qualidades da outra pessoa e menosprezar as suas", segundo o psicólogo Ailton Amélio Silva (Revista Veja, 26 de maio de 1999). “A psicoterapia o ensina a encarar com maior realismo e enxergar os defeitos do outro e, assim, facilitar a abordagem”.(Revista Veja, 26 de maio de 1999).

1.5. ASSERTIVIDADE

Em nossa sociedade, baseada na competição, na disputa por melhores lugares, a cobrança por pessoas assertivas em todas as esferas de relacionamento é cada vez maior, e não seria diferente no caso das relações amorosas. Seja em casa, no trabalho ou mesmo na rua, pessoas que apresentam um comportamento assertivo tendem a se saírem melhor em muitas situações. Mas o que é ser uma pessoa assertiva?

Bandeira, Machado & Pereira afirmam que uma pessoa assertiva teria a capacidade de “se afirmar em interações sociais, defendendo seus direitos, expressando suas opiniões, idéias, necessidades e insatisfações e solicitando mudanças de comportamento das outras pessoas, sem desrespeitar os direitos dos outros” (2002, p. 03).

A afirmação em interações sociais, à defesa de direitos, a expressão de opiniões etc., estão relacionados ao controle que a pessoa tem sobre si mesma. Pessoas que não se saem razoavelmente bem nesses critérios podem enfrentar problemas que vão desde a perda de oportunidades de trabalho a estados de depressão. Mas é importante lembrar que ser assertivo não significa ser agressivo. Um assertivo, quando desagradado, sabe que o que lhe incomoda não é a pessoa, e sim o comportamento desta (Conte & Brandão, 2003). Aliás, ser assertivo não é ser agressivo e nem ser passivo: é saber se situar entre esses extremos.

Os assertivos assumem seus pontos de vista, e os defendem. Sabem expressar o que sentem – sabem falar sobre o que se passa sob sua pele, o que nos valoriza como seres humanos (Conte & Brandão). Mas um assertivo não age impulsivamente, sem pensar nas conseqüências, muito pelo contrário. Segundo Conte & Brandão (2003, p. 07):

> [...] o assertivo é alguém que tem sensibilidade às mudanças das pessoas e do ambiente. Ele não vai sair por aí falando o que pensa sem pensar na reação do outro; também não vai acusar alguém sem reconhecer os seus erros. O assertivo sabe dizer não e sim perante a

> posição de alguém. Não segue uma regra do sim ou do não; a regra é dizer sim quando concorda, gosta ou aceita e dizer não quando a situação for contrária à sua vontade ou opinião.

O comportamento assertivo seria adquirido pelo indivíduo durante sua vida (ontogênese). Seus sucessos e seus fracassos em expressar o que sente definiriam seu grau de assertividade. Caso seu comportamento tenha sido freqüentemente reforçado, ele se sentirá bem em agir do modo que lhe agrada. Do contrário, se recebeu desaprovação ou foi impedido de se comportar de forma assertiva (tendo a sua conduta punida), pode se sentir constrangido em seus relacionamentos. Isso acontece porque “somos muito sensíveis aos contatos sociais, e a falta persistente de aprovação dos outros pode comprometer nossa auto-estima e nos fazer evitar o relacionamento com os demais.” (Conte & Brandão, 2003, p. 09).

Sendo algo importante nos relacionamentos do indivíduo com os outros, é importante saber que podemos aprender a ser mais “assertivo”. No entanto, devemos tomar certos cuidados, para não ultrapassarmos os limites éticos, pois

> queremos construir um ambiente melhor, tanto para nós como para os demais, quando falamos de assertividade. Isso não se faz, necessária ou simplesmente, modelando superficialmente uma forma de agir [...]. Ser assertivo deve ter uma função, atingir um objetivo que é construir relações entre as pessoas que tenham um mínimo de assertividade e sejam o mais agradáveis possíveis, para nós e para os demais (Conte & Brandão, 2003, p.11).

1.6. AUTO-ESTIMA

A definição de auto-estima, palavra que já se tornou popular, não é tão simples quanto parece (Gobitta & Guzzo, 2002). Além disso, esse constructo teórico, importante na elaboração de muitos testes psicométricos, se confunde na literatura com o autoconceito, por essa razão “[...] os instrumentos comumente utilizados para avaliar a auto-estima estão articulados e, em outros casos, confundem-se com instrumentos que avaliam o autoconceito" (Gobitta & Guzzo, 2002, p. 145).

Uma definição poderia ser a de que auto-estima é “A percepção que o indivíduo tem do seu próprio valor e a avaliação que faz de si mesmo em termos de competência [...]”(Marriel e cols., 2006, p.39). Isso quer dizer que auto-estima também é resultado dos sucessos e fracassos da vida do indivíduo, e de como ele reagiu diante dessas situações. Desde cedo, enfrentamos situações que influenciaram nossa personalidade, situações essas

que envolvem nossos relacionamentos com familiares, amigos e professores. Coopersmith (1989), citado por Gobitta & Guzzo (2002, p. 144), afirma que

> [...] crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más, espertas ou estúpidas, amáveis ou não. Elas desenvolvem estas idéias. Elas formam auto-imagens... baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significantes, os pais, professores e amigos.

Durante a infância, principalmente na escola, uma baixa auto-estima pode comprometer o relacionamento do indivíduo com outros – o que pode se refletir no restante de sua vida. A pesquisa de Marriel e cols. (2006), realizada junto a alunos de escolas públicas, evidencia que alunos com baixa auto-estima se relacionam de forma pior com colegas e educadores que aqueles com auto-estima elevada, além de serem vitimas de violência mais freqüentemente (inclusive nas mãos do bullying), e de terem uma maior dificuldade em se sentirem bem no espaço escolar.

Muitos fatores culturais influenciariam (mas não determinariam) a auto-estima, tais como classe social, etnia, escolaridade, eventos antecedentes – no caso dos testes de auto-estima, procura-se diminuir a influência das condições de momento do indivíduo realizando-se o teste-reteste - e gênero. No que diz respeito a diferenças de gênero, para Mruck (1998), citado por Gobitta & Guzzo (2002, p.149) é consenso que

> [...] o gênero é capaz de influir em certo grau sobre à auto-estima e que esta influência se produz numa direção razoavelmente preditiva. Em termos de estrutura geral, as mulheres de nossa sociedade parecem inclinar-se para os componentes de merecimento de auto-estima (serem valorizadas em termos de aceitação ou rejeição) e os homens tendem a inclinar-se para a dimensão de competência (êxito e fracasso).

A auto-estima parece se relacionar, em alguns pontos, com assertividade: indivíduos com baixa auto-estima provavelmente serão menos assertivos, enquanto aqueles com auto-estima elevada, do outro lado, provavelmente demonstrarão um comportamento mais assertivo. Os dois constructos são de grande importância no entendimento da conduta humana, principalmente em nossa cultura contemporânea.

1.7. AMOR

Giddens (1993) apresenta alguns conceitos sobre amor romântico, amor puro, amor confluente, amor apaixonado dentre outros, como também sobre relacionamentos e vícios de dependência. Sobre essa discussão que Giddens faz, trouxemos os pontos principais.

Amor romântico pressupõe possibilidades de se estabelecer vínculos durável com o parceiro. Amor romântico é precursor do relacionamento puro. Em um mundo de igualdade sexual crescente, ambos os sexos são levados a realizarem mudanças fundamentais em seus pontos de vistas e em seu comportamento em relação ao outro. As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina e ambos devem saber lidar com as implicações deste fenômeno.

A existência interpessoal esta sendo completamente transfigurada. A maior parte das pessoas chega ao casamento com uma boa experiência e conhecimento sexual. Para eles não é abrupta a transição entre encontros furtivos, desajeitados ou ilícitos e a sexualidade mais segura, mas também com uma freqüência mais exigente do leito nupcial. As transformações nos relacionamentos estão ocorrendo muito mais nas sociedades ocidentais, porém há divergências significativas entre paises, culturas e camadas socioeconômicas diferentes. A sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta.

O amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca a parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual ele tende a se conflitar. O amor apaixonado é perturbador das relações pessoais, arranca do individuo as atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. No amor apaixonado há toda uma idealização temporária do outro, há uma libertação no sentido de gerar uma quebra de rotina e do dever. Ao contrario, o amor romântico se insere diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e auto-realização. Antigamente o amor romântico era um amor feminilizado. As idéias de amor estavam associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior. Para os homens as diferenças entre amor romântico e amor apaixonado eram tratadas em relação à separação do conforto do ambiente domestico da sexualidade da sexualidade da amante ou da prostituta.

O termo relacionamento significa um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa. Um relacionamento puro refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, não por sexo, mas pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto

ambas as partes consideram que extrai dela satisfações suficientes, para cada um individualmente, para nela permanecerem. Os casamentos estão cada vez mais voltados para esse tipo de relacionamento puro. A idéia de amor romântico ajudou a abrir caminhos para a formação de relacionamentos puros no domínio da sexualidade, mas hoje em dia tornou-se enfraquecida por influencias que ela ajudou a criar.

O amor romântico depende das identificações projetivas. A projeção cria uma sensação de totalidade com o outro, onde os traços do outro são conhecidos em uma espécie de sentido intuído. Apesar de tudo isso a identificação projetiva vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade. A abertura de um em relação ao outro, condições que chamamos de amor confluente, é de alguma forma oposto da identificação projetiva, ainda que tal identificação, por vezes, estabeleça um caminho até eles.

O amor confluente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” “único” da idéia de amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje parece aqui mais como efeito da emergência do amor confluente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”.

O amor confluente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e assim qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Nesse momento o amor só se desenvolve até o ponto e que se desenvolve a intimidade, ate o ponto em que cada parceiro esta preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e esta vulnerável a esse outro. O amor confluente vem introduzir o prazer sexual recíproco em um elemento chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.

Diferente do amor romântico, o amor confluente não é necessariamente monogâmico, no sentido exclusivamente sexual. O que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada uma dos parceiros, até a segunda ordem, de que cada um obtenha da relação beneficio suficiente que justifique a continuidade. A exclusividade sexual tem um papel no relacionamento ate o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial.

A divisão que mulheres querem amor e homens querem sexo não esta completamente verdadeira, pois se fosse assim o amor dominaria qualquer tendência para o sexo, que seria a recompensa de amar e ser amada. Os homens também querem amor, apesar da

aparência ao contrário, talvez mais que a maioria das mulheres. As mulheres estão sendo capazes de buscar o prazer sexual como componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos.

O sexo é apenas um dentre um grande numero de vícios reconhecidos nos últimos anos.

O vício da dependência é quando uma pessoa está viciada em uma experiência ou em uma forma de comportamento especifico, o esforço para atingir um êxtase (aquilo que o individuo busca quando procura onde esta a energia; uma sensação momentânea de exaltação) traduz-se na necessidade de uma dependência. A dependência abranda a ansiedade introduz o individuo na fase narcotizante do vício. A dependência é psicologicamente necessária, no entanto, acaba sendo sucedida pela depressão e pelas sensações de vazio; e o ciclo recomeça.

Uma pessoa vai se esforçar para se livrar de um vicio somente para sucumbir o outro. O fato dos vícios tenderem a ser funcionalmente intercambiáveis proporcionam um forte apoio à conclusão de que assinalam para uma incapacidade subjacente para enfrentar certos tipos de ansiedades. O vício então é uma incapacidade de administrar o futuro, e sendo assim, transgride uma das principais ansiedades que o individuo tem de enfrentar reflexivamente. A compulsividade pelo comportamento sexual, como também em outras áreas, é o embotamento da autonomia.

Em relação à sedução, Giddens (1993) descreve que o comportamento de seduzir perdeu em grande parte seu significado em uma sociedade em que as mulheres tornaram-se muito mais disponíveis aos homens do que jamais o foram. A sedução tornou-se obsoleta. Os chamados garanhões da nossa sociedade atual buscam seduzir para conseguir emoções em um mundo de oportunidades sexuais abertas. A emoção da busca proporciona o êxtase, porém este tende mais tarde a se transformar em dependência. O aventureiro sexual moderno rejeita o amor romântico, ou utiliza a sua linguagem somente como persuasão. Por isso sua dependência das mulheres só pode ser validade através do mecanismo da conquista sexual. Esse garanhão é mais escravo das mulheres do que competente para encará-las como seres independentes e capazes de dar e aceitar amor. O garanhão aparece como uma figura que “as amam e as deixam”. Na verdade ele é incapaz de deixá-las: cada abandono é um prelúdio de outro encontro. A maior parte das mulheres arrebatadas por esses participantes é mulheres co-dependentes, um termo que tem se tornado um lugar comum na literatura terapêutica – embora de forma alguma limitada às mulheres. As

mulheres co-dependentes são protetoras, necessitam de cuidar dos outros. Ser co-dependente é buscar aprovação de praticamente todos com quem entra em contato, é viver a vida em torno das necessidades dos outros.

Um relacionamento co-dependente é aquele em que o individuo está ligado psicologicamente a um parceiro cujas atividades são dirigidas por algum tipo de compulsividade. Chamamos de relacionamento fixado aquele em que o próprio relacionamento é objeto do vício, onde o sujeito necessita que o relacionamento proporcione uma sensação de segurança que de outro modo ele não consegue encontrar. Em uma forma benigna, os relacionamentos fixados são aqueles consolidados no habito. Os relacionamentos fixados são construídos mais em torno de dependência compulsiva que da co-dependência.

Os relacionamentos fixados presumem uma divisão de papeis. Cada pessoa depende de uma alteridade proporcionada pelo parceiro, mas nenhum dos dois é inteiramente capaz de reconhecer a natureza da sua dependência do outro.

O desenvolvimento da atenção reflexiva implica como ponto principal básico para o reconhecimento da escolha. O momento reflexivo é chamado de “conversa com sigo mesmo” que é uma reprogramação da maneira de considerar ate que ponto as rotinas estabelecidas poderiam ser modificadas ou, se possível, descartadas. Reconhecer a escolha significa vencer os programas negativos que apóiam os padrões dos viciados. Os relacionamentos compulsivos impedem a exploração reflexiva da auto-identidade. Todo sujeito co-dependente é alguém cuja identidade esta subdesenvolvida ou é desconhecida, e que mantém identidades falsas construídas a partir de ligações dependentes de fontes externas.

Os limites pessoais são considerados essenciais para um relacionamento não-viciado. Os limites estabelecem o que pertence a quem, psicologicamente falando, e por isso neutralizam os efeitos da identificação projetiva. Os limites claros em um relacionamento são importantes para o amor confluente e para a manutenção da intimidade. Intimidade aqui não significa ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias.

Segundo Giddens (1993) segue algumas características dos relacionamentos viciados e relacionamentos íntimos:

Viciados: obsessão em encontrar alguém para amar; necessidade de gratificação imediata. Pressão do parceiro para o sexo ou para o compromisso; desequilibro do poder. Há um jogo do poder para o controle; pratica do silencio se as coisas não vão bem; manipulação

e falta de confiança; tentativas de mudar o parceiro para satisfazer suas próprias vontades e necessidades; o relacionamento é baseado na ilusão; paixão confundida com o medo; ciclo de dor e desespero.

Íntimos: desenvolvimento do eu como principal propriedade; desejo de satisfação em longo prazo; o relacionamento se desenvolve ao passo da liberdade de escolha; equilíbrio e mutualidade no relacionamento; compromisso; negociação ou revezamento na liderança; compartilhamento das vontades, sentidos e avaliação do que seu parceiro significa pra você; franqueza e confiança adequada (onde se sabe qual será o comportamento do seu parceiro, de acordo com sua natureza fundamental); compreensão da individualidade do outro; o relacionamento lida com todos os aspectos da realidade; o relacionamento esta sempre se transformando para se adequar; autopreservação por parte de ambos os parceiros; o sexo deriva da amizade e da proteção; há uma solução em conjunto dos problemas e ciclo de bem estar e satisfação.

A intimidade é uma questão de comunicação emocional, com os outros e consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal. Na medida em que a comunicação esta ligada ao narcisismo, ela é mais um convite ao poder do que a uma base para o desenvolvimento do amor confluente.

No relacionamento puro, a confiança não tem apoios externos e tem de ser desenvolvida tendo-se como base à intimidade. Confiar é ter fé no outro e também na capacidade do laço mutuo para resistir a traumas futuros. Isso é mais uma questão de boa fé, por mais problemático que isso possa ser. Confiar no outro é apostar na capacidade do individuo poder agir com integridade. A exclusividade não é garantia de confiança, mas apesar disso é um estimulo importante para ela. Intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo individuo para um olhar publico mais amplo.

O relacionamento puro pode proporcionar uma ambiente social favorável ao projeto reflexivo do eu. Segundo os manuais terapêuticos, os limites, o espaço pessoal e o restante são mais necessários para os indivíduos florescerem em um relacionamento do que para caírem na co-dependência.

Confiar em alguém significa renunciar a oportunidades de controlá-lo ou de forçar as suas atividades dentro de algum molde particular. Mas a autonomia concedida ao outro não será necessariamente utilizada de modo a preencher as necessidades do parceiro no relacionamento. As pessoas crescem separadas.

Segundo Antunes (1999), a alfabetização emocional pode ajudar as pessoas a perceber seus estados emocionais para assim melhor administrar eventuais explosões, se realmente e efetivamente desejar administrar.

Segundo Garddner citado por Antunes (1999), a inteligência interpessoal esta dentro do quadro das inteligências múltiplas do ser humano. Inteligência interpessoal se refere à capacidade de compreender outras pessoas e o que as motiva e inteligência intrapessoal é aquela capacidade de auto-estima e de formar um modelo coerente e verídico de si mesmo, usando esse modelo para operacionalizar a felicidade.

Para Goleman citado por Antunes (1999), a inteligência emocional pode ser expressa em cinco pontos essenciais:

- Autoconhecimento – identificação de seus próprios sentimentos utilizando –o para tomada de decisão e resolução de problemas que resultem e uma satisfação pessoal.
- Administração das emoções – habilidades de controle dos impulsos, de aliviar-se das ansiedades e direcionar a raiva à condição correta.
- Empatia – habilidade de se colocar no lugar do outro percebendo seus sentimentos e intenções não verbalizadas.
- Automotivação – capacidade de preservar o otimismo em condições relativamente adversas.
- Capacidade de relacionamento pleno – saber lidar com as reações emocionais do outro e interagir com as mesmas.

Com isso, Antunes (1999) diz que Goleman desenvolve o conceito de QE – quociente emocional que pode ser definido como a capacidade que o ser humano tem para lidar com os conflitos cotidianos, o volume e controle de sua angustia e ansiedades, compreendendo-se ao compreender seus próprios sentimentos e descobrindo-se nos outros, com quem busca efetivamente viver bem.

Para Amélio (2001), há três principais teorias de amor dentre dezenas: a teoria sobre os estilos de amor de Lee (1988), teoria do apego de Bowlby (1988), e a teoria da expansão do eu, de Aron e Aron (1996), porem iremos nos apegar no momento apenas a teoria sobre os estilos de amor.

Ao se apaixonar por uma pessoa que possa ter estilo de amor diferente do nosso, pode-se concluir, erroneamente, que essa pessoa não nos ama, pois não age da mesma forma que nós.

Os estilos de amor primários são Eros, Estorge e Ludos.

Eros: sente atração imediata pelo parceiro. Pode haver amor à primeira vista. A pessoa com esse estilo é segura e não é muito possessiva. Não teme a se entregar ao amor, mas também não esta ansiosa para amar.

Estorge: amor que nasce de uma amizade e demora longo tempo para se desenvolver. Amor baseado em interesses compartilhados e nas semelhanças entre parceiros. O contato sexual é menos enfatizado e começa relativamente mais tarde.

Ludos: o amor é encarado como um jogo que acontece com diferentes parceiros. A ênfase recai na sedução e na idéia de liberdade sexual. As promessas são validas apenas no momento em que são apresentadas, e não no futuro.

Os três estilos de amor secundário: mania, pragma e ágape.

Mania: composto por Eros e ludos. Emoção obsessiva e preocupante que domina praticamente tudo. Esforça-se continuamente para atrair a atenção do parceiro. Há ciúmes e muita possessividade.

Pragma: composto por ludos e estorge. A compatibilidade dos parceiros e suas necessidades mútuas de satisfação são enfatizadas nesse estilo de amor. As pessoas desse estilo examinam os pretendentes para ver se atendem a uma serie de expectativas antes de se envolver com eles.

Ágape: composto de estorge e Eros. Preocupação em auxiliar os parceiros e resolver seus problemas são centrais nesse estilo. Ausência de egoísmo também é uma característica.

OBJETIVOS

2.1. GERAL

O objetivo desta pesquisa foi comparar adultos cadastrados e não cadastrados em agências de casamentos em relação a diferentes variáveis interpessoais.

2.2. ESPECÍFCOS

Identificar quais são os estilos de amor e compará-los entre os indivíduos cadastrados em agencias e não cadastrados;

Verificar as diferenças de pessoas agenciadas em relação à timidez, sociabilidade, assertividade e auto-estima em relação a pessoas não agenciadas;

Verificar qual é o estilo de amor mais freqüente entre pessoas agenciadas e não agenciadas;

Identificar a faixa-etária, sexo, escolaridade e histórico amoroso das pessoas que freqüentemente procuram as agências de casamento.

MÉTODO

Participantes: Esta pesquisa foi realizada com 226 pessoas, sendo 131 agenciadas e 95 não agenciadas, de ambos os sexos, a partir de 18 anos. A condição para que participasse da pesquisa é que não estivesse envolvida em nenhum relacionamento estável no momento da entrevista.

Instrumentos: Foram usadas as seguintes escalas: Escala de Timidez e Sociabilidade, de Cheek e Buss (1981), avaliadas por meio de um sistema *Likert* de 5 pontos, variando de "Extremamente não característico" à "Extremamente característico"; Escala Auto- Estima de Rosenberg (1965) (*Rosenberg Self-Esteem Scale*), que contêm 10 questões avaliadas pelo sistema Likert de 5 pontos, que varia de 'Discordo totalmente" a "Concordo totalmente"; Inventário Assertivo de Alberti & Emmons (1978) que possui 35 questões avaliadas pelo escore total do sujeito; Escala de Estilos de Amor de Hendrick e Hendrick (1986), adaptada para uma versão reduzida de 24 questões (Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998). Conforme Anexos (C, D, E e F).

Procedimento: Uma parte da coleta de dados da amostra foi realizada, dentro de uma agência de casamento, pela psicóloga responsável pela mesma. E a outra parte, na aplicação realizada com o grupo controle, alguns questionários foram enviados via e-mail e os demais respondidos na presença dos pesquisadores. Antes de proceder à resposta aos questionários, os participantes foram orientados a ler e assinar o termo de consentimento informado (Anexo A), bem como a manifestar possíveis dúvidas a respeito da pesquisa, que então foram respondidas.

Análise de Dados: A análise dos dados coletados foi realizada por meio do Programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) com o teste de Qui-quadrado para comparação de médias, teste *t de Student, Correlação de Pearson* e ANOVA. A Escala de Auto-estima de Rosenberg foi analisada pelo escore total, sendo este dividido em três categorias através dos *quartiles* 25 e 75 (1=baixa auto-estima; 2=média auto-estima; 3=alto auto-estima). A variável de auto-estima foi relacionada com cada dimensão das outras escalas utilizadas por meio do teste estatístico de análise de variância (ANOVA). Para analisar a relação do escore de auto-estima com gênero e idade foram usados os testes de Correlação de Pearson e teste *t*. O

Inventário Assertivo foi analisado pelo escore total e dividido em três categorias (1=não assertivo; 2=médio assertivo; 3=assertivo). Após cada questionário ter sido analisado, as variáveis categorizadas foram correlacionadas entre idade, gênero, agenciados e não agenciados: agencia com idade, agencia com gênero, agencia com escolaridade, idade com timidez, idade com auto-estima, gênero com timidez, gênero com sociabilidade, gênero com auto-estima, agencia com sociabilidade, agencia com auto-estima, escolaridade com timidez, agencia com timidez. A categoria de agenciados e não agenciados também foi correlacionada com cada estilo de amor para verificação da existência ou não de correlação significativa entre elas. Para testar diferenças entre grupos de pessoas cadastradas e não-cadastradas em agência de casamento, foi usado o teste de Qui-quadrado. A escala de timidez e sociabilidade foi analisada através de seus escores e em categorias através dos *quartiles* 40 e 60 através dos testes já mencionados.

RESULTADOS

A Figura 1 analisa os dados referentes à idade e percentil de agenciados e não agenciados.

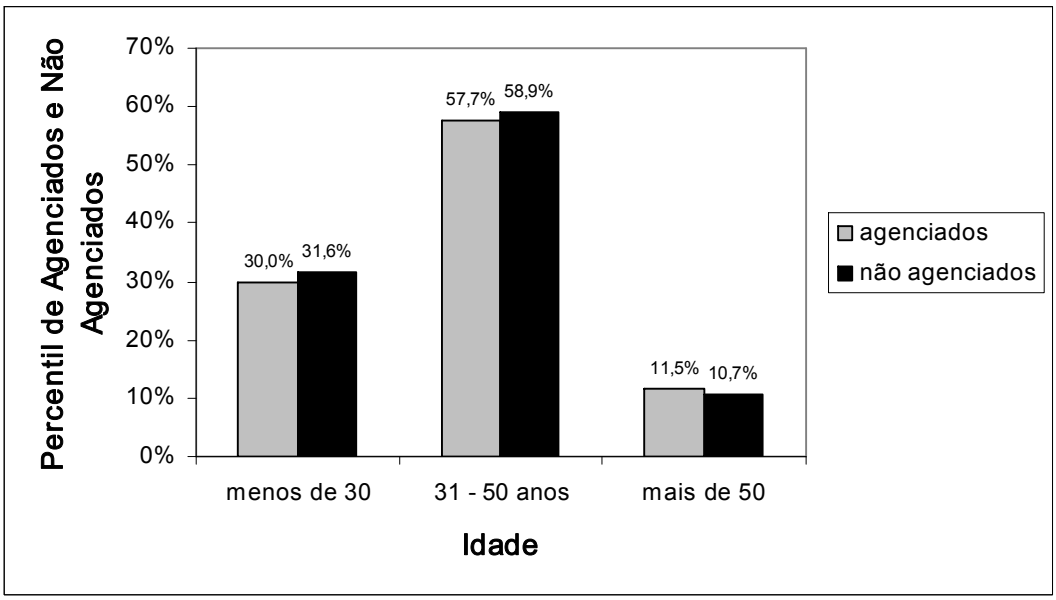


Figura 1: Histograma com indicativos percentuais das idades dos respondentes agenciados e não agenciados.

Na primeira parte do questionário, aplicado junto a pessoas cadastradas em agencias de casamento e não agenciadas procurou-se traçar o perfil dos participantes da pesquisa. Foi constatado que 58,2% (131 pessoas) de todos os indivíduos tem entre 31 e 50 anos. Conforme a Figura 1, é possível observar que 57,7% dos agenciados (75 pessoas) e 58,9% dos não agenciados (56 pessoas) têm entre 31 e 50 anos de idade.

A Figura 2 mostra os dados referentes aos escores de timidez e o percentil de idade dos participantes.

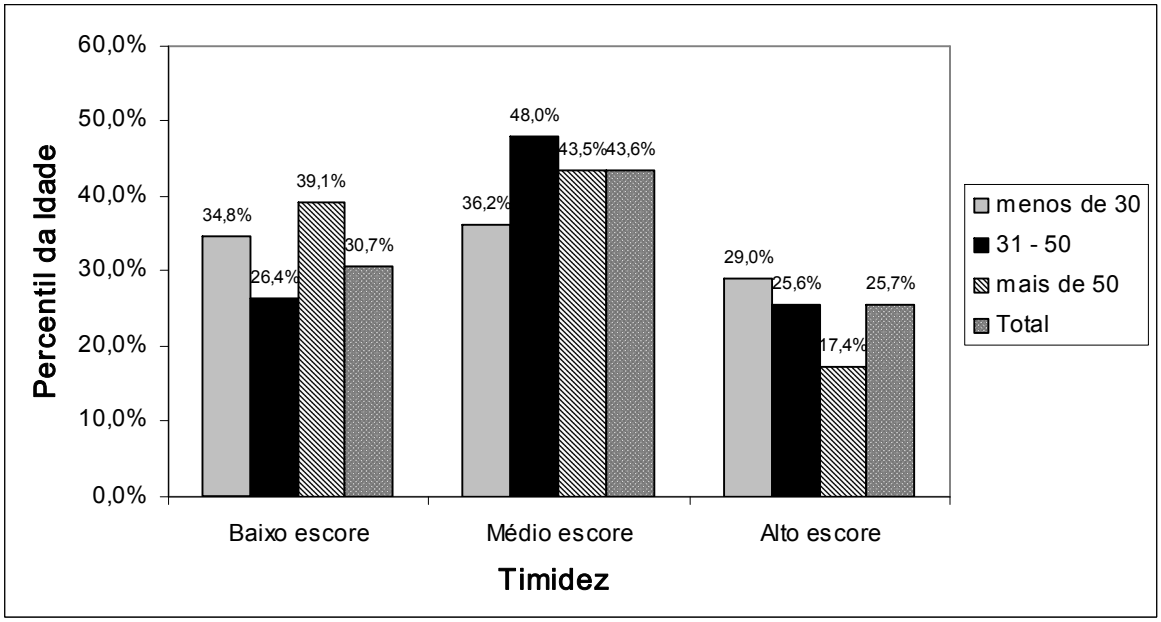


Figura 2: Histograma do percentual da idade em relação ao escore de timidez.

A relação entre idade e timidez dos pesquisados não foi significativa ($\chi^2 = 6,237$; gl= 6; $p > 0,05$), tanto as pessoas com menos de 30 anos, como as de 31 a 50 anos e as com mais de 50 anos, apresentaram médio escore de timidez. Totalizando 43,6% (95 pessoas) das pessoas pesquisadas, mas observa-se uma tendência de os mais idosos terem mais alto escore de timidez, conforme Figura 2.

A Figura 3 analisa os dados referentes à idade e o percentil de escore de auto-estima dos participantes.

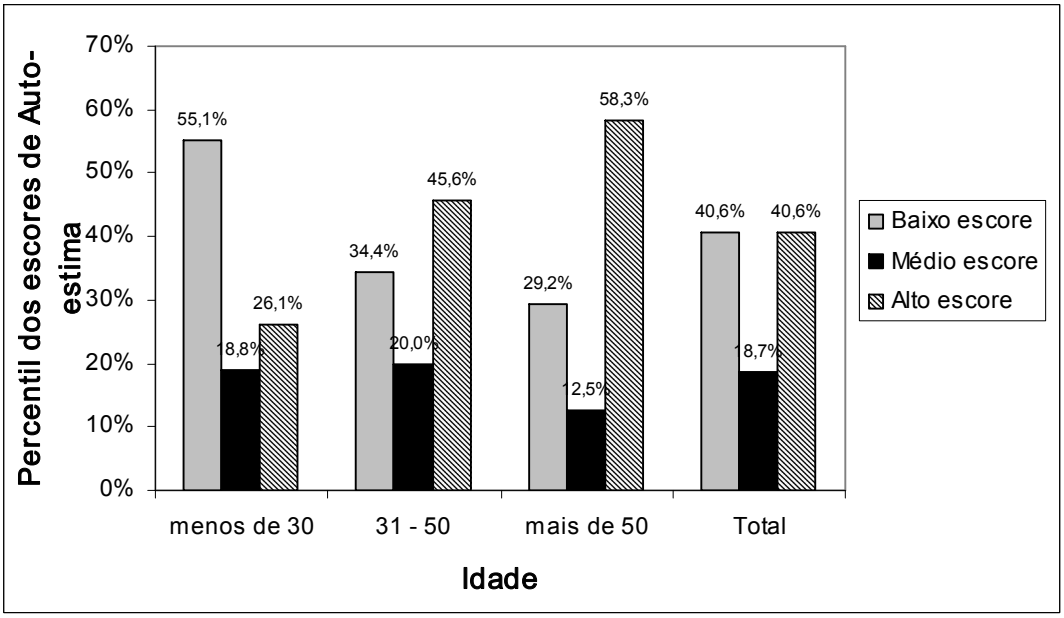


Figura 3: Histogramas com percentuais da idade em relação ao escore de auto-estima.

A relação entre idade e auto-estima dos pesquisados foi significativa (χ^2 = 13,780; gl= 6 ; p < 0,05). Verificou-se que os indivíduos com menos de 30 anos apresentam escores de auto-estima mais baixos e participantes mais velhos apresentaram escores de auto-estima mais elevados.

A Figura 4 mostra os dados referentes ao gênero e ao percentil de agenciados e não agenciados.

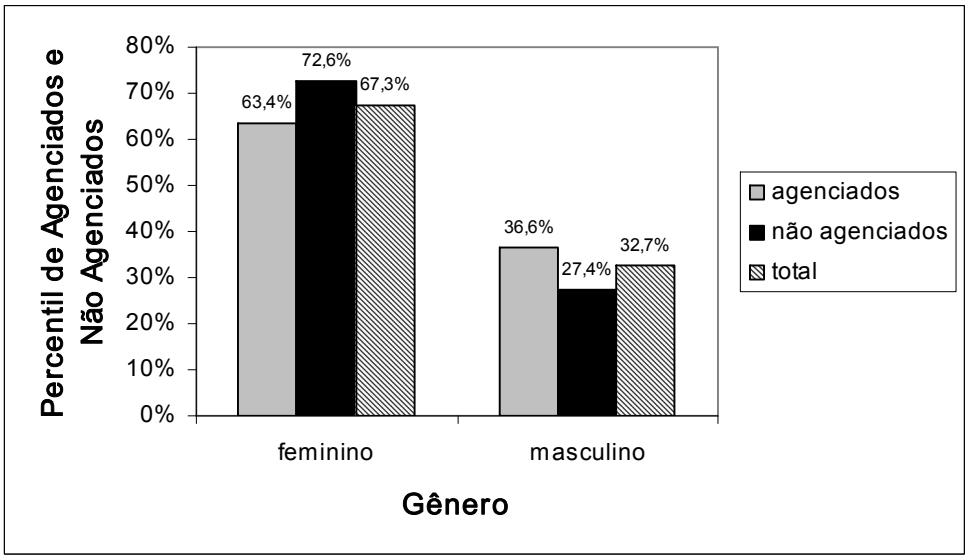


Figura 4: Histograma com percentuais do gênero dos respondentes agenciados e não agenciados.

Quanto ao gênero, 67,3% dos participantes (152 pessoas) são do sexo feminino e 32,7% deles (74 pessoas) do sexo masculino.

A Figura 5 mostra os dados referentes ao gênero e o percentil de escore de timidez dos participantes.

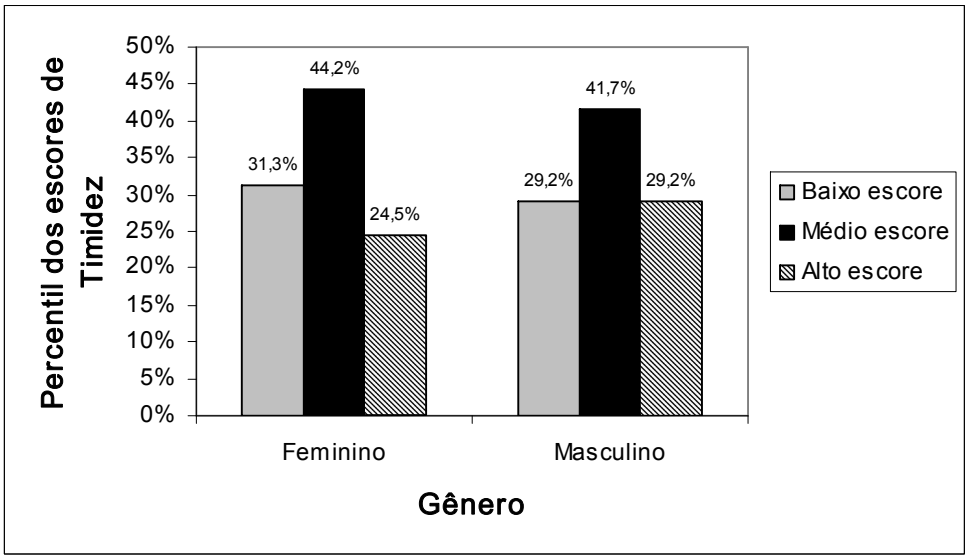


Figura 5: Histograma de percentuais de timidez em relação ao gênero dos participantes.

Em relação ao gênero e timidez, não houve diferença significativa entre os pesquisados, (χ^2 = 0,550; gl= 2; p > 0,05). Tanto os homens quanto às mulheres apresentaram maior porcentagem de escore médio de timidez, elas apontaram 44,2% (65 mulheres) e eles 41,7% (30 homens). Os homens tiveram índices semelhantes de alto e baixo escore de timidez, enquanto as mulheres tiveram uma tendência de percentual um pouco mais elevada de baixo escore de timidez, com relação ao alto escore.

A Figura 6 analisa os dados referentes à escolaridade e o percentil de escore de timidez dos participantes.

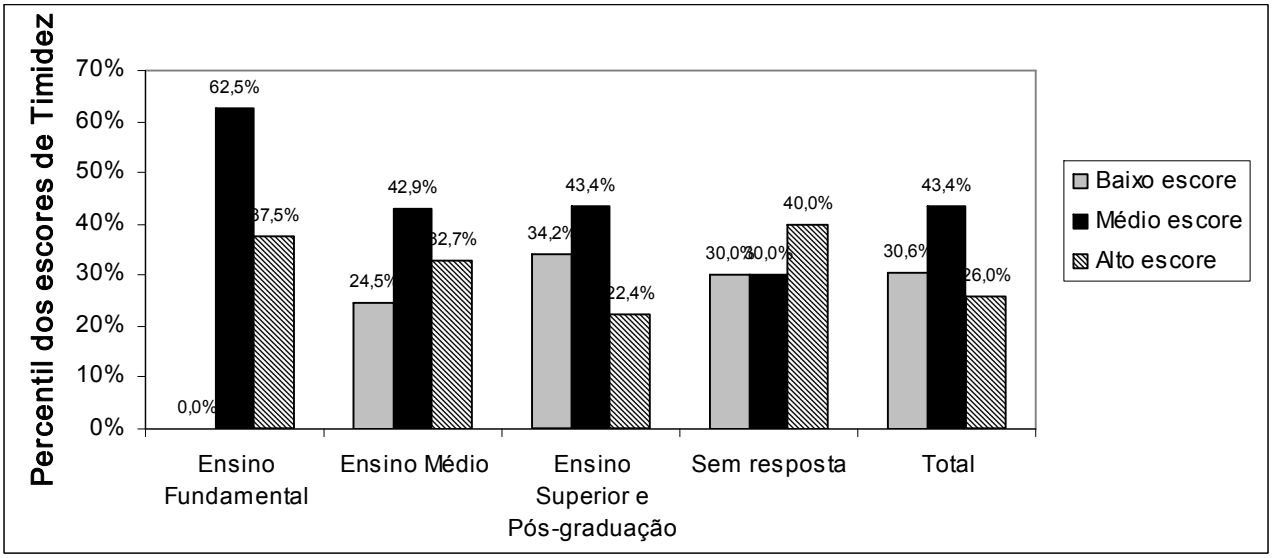


Figura 6: Histograma de percentuais de escore de timidez em relação à escolaridade.

Em relação à escolaridade e timidez, não houve diferença significativa entre os pesquisados, (χ^2 = 7,548; gl= 6; p > 0,05). Os três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior), obtiveram maiores percentuais de médio escore de timidez, respectivamente, 62,5% (5 pessoas) 42,9% (21 pessoas) e 43,4% (66 pessoas). O percentual de baixo escore de timidez foi de 0% no Ensino Fundamental, aumentando progressivamente conforme o nível de escolaridade (24,5% no Ensino Médio e 34,2% no Ensino Superior). Por outro lado, que o alto escore de timidez foi diminuindo gradativamente conforme o nível de escolaridade (37,5% no Ensino Fundamental, 32,7% no Ensino Médio e 22,4% no Ensino Superior).

A Figura 7 analisa os dados referentes à escolaridade e o percentil de agenciados e não agenciados.

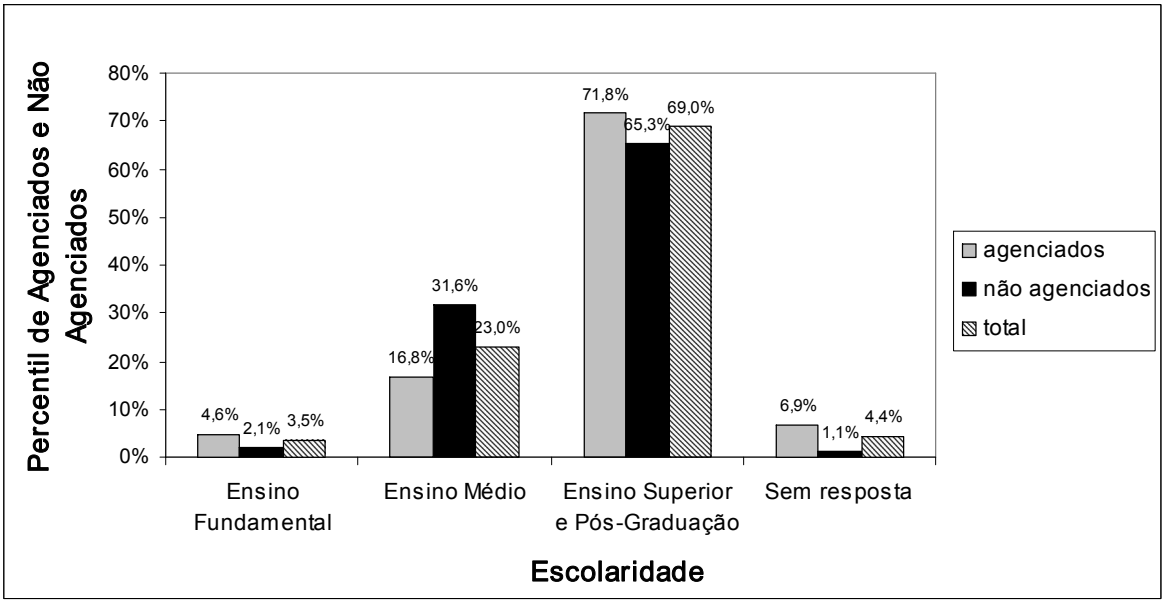


Figura 7: Histograma com percentuais da escolaridade de pessoas agenciadas e não agenciadas.

Quanto à escolaridade dos participantes agenciados e não agenciados, pode-se constatar que 69% (156 pessoas) têm Ensino Superior ou Pós-Graduação.

A Figura 8 analisa os dados referentes à sociabilidade e o percentil de gênero dos participantes.

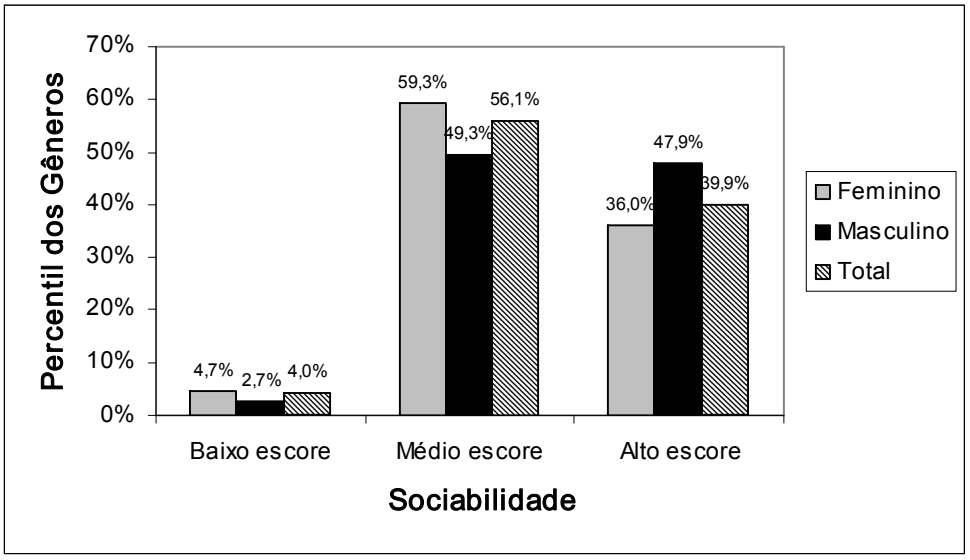


Figura 8: Histograma dos percentuais de gênero e sociabilidade.

A relação entre sociabilidade e gênero dos indivíduos não foi significativa ($\chi^2 = 3,087$; gl= 2; $p > 0,05$). A Figura 8 ostra que a maior parte dos pesquisados possui médio escore de

sociabilidade, mas há uma tendência de os homens serem mais sociáveis do que as mulheres, pois um maior percentual de homens obteve alto escore de sociabilidade.

A Figura 9 mostra os dados referentes ao gênero e o percentil de escore de auto-estima dos participantes.

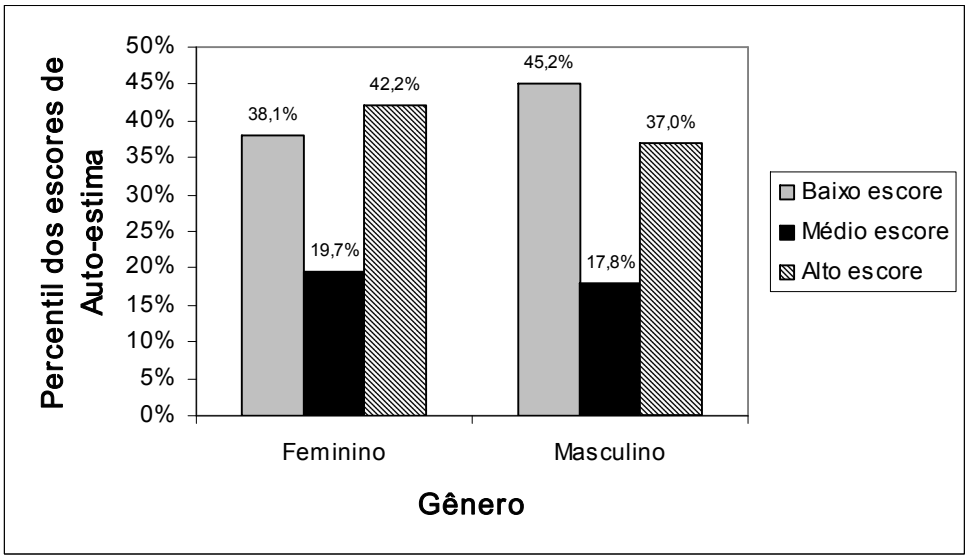


Figura 9: Histograma de percentuais de auto-estima em relação ao gênero.

Em relação ao gênero e auto-estima, não houve diferença significativa entre os pesquisados, (χ^2 = 1,029; gl= 2; p > 0,05). Os dois gêneros tiveram maiores escores nos extremos (baixo e alto escore). As mulheres tiveram maiores percentuais de alto escore de auto-estima, 42,2% (62 mulheres), com uma pequena diferença com relação ao baixo escore, 38,1% (56 mulheres). Os homens tiveram maiores percentuais de baixo escore de auto-estima, sendo 45,2% (33 homens), seguido dos percentuais de alto escore, com 37% (27 homens).

A Figura 10 analisa os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore de sociabilidade dos participantes.

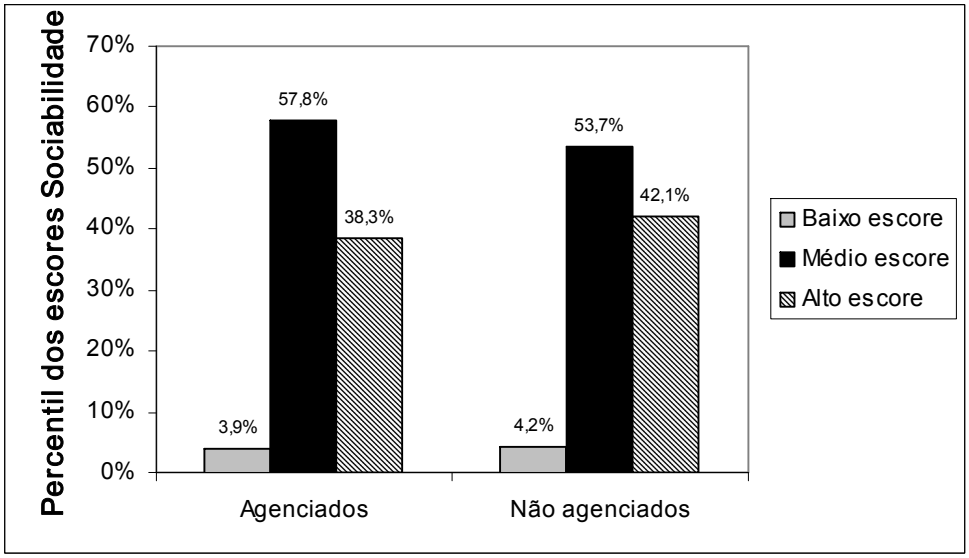


Figura 10: Histograma com percentuais de agenciados e não agenciados em relação à sociabilidade.

A relação entre sociabilidade e agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2 = 0,378; gl= 2; p > 0,05). No entanto, notou-se que há uma tendência de os não agenciados serem mais sociáveis, representando 42,1% (40 pessoas das 95 não agenciadas). É interessante ressaltar que os agenciados obtiveram maiores percentuais de médio escore, 57,8% (49 das 131 agenciadas).

A Figura 11 mostra os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore de auto-estima dos participantes.

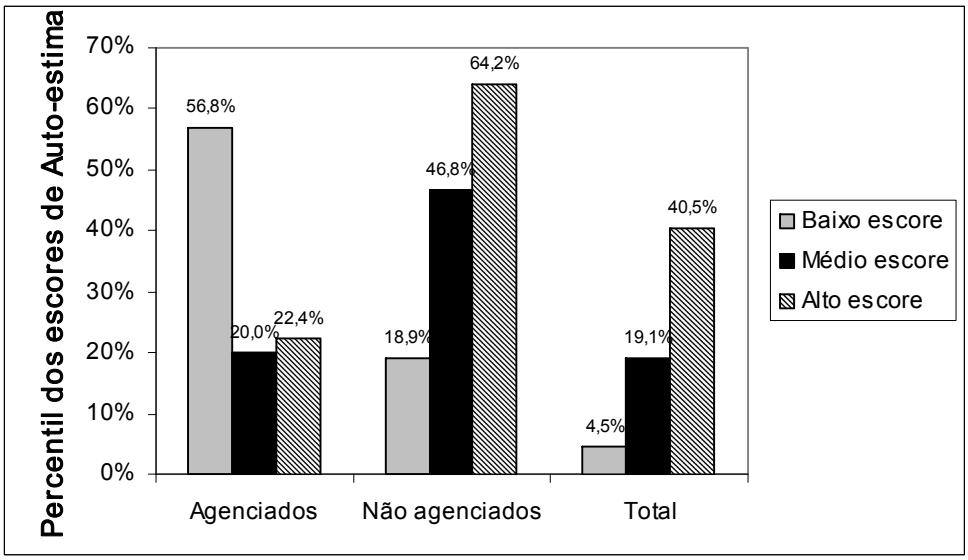


Figura 11: Histograma com percentuais de auto-estima em relação aos indivíduos agenciados e não agenciados.

A relação entre auto-estima de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2 = 42,885; gl= 2; p < 0,01). Maior percentual de agenciados foram classificados dentro da categoria de baixo escore de auto-estima, sendo 56,8% (71 pessoas das 131 agenciadas). Por outro lado, os não agenciados apresentaram maiores índices de alto escore de auto-estima, representando 64,2% (61 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 12 mostra os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore de timidez dos participantes.

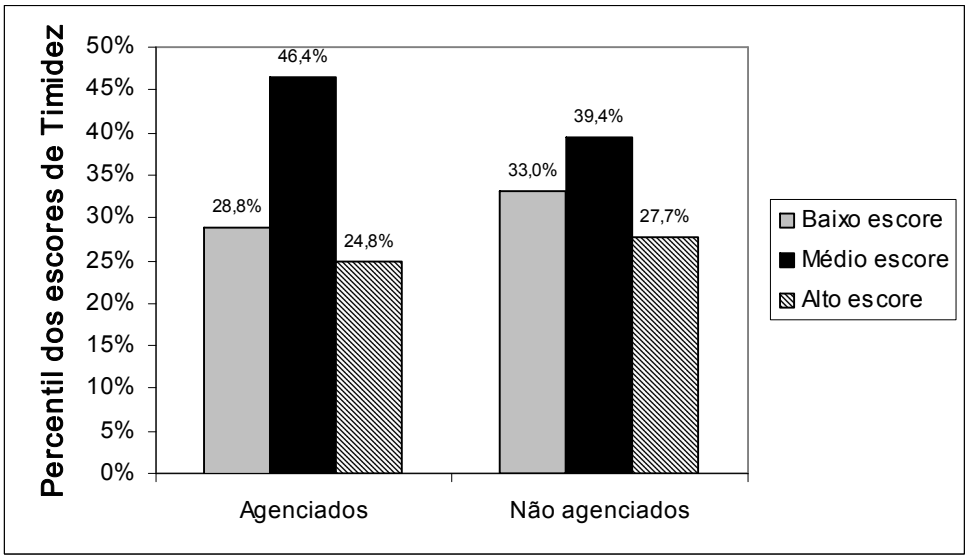


Figura 12: Histograma dos percentuais de timidez entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre timidez de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2 = ,087; gl= 2; p > 0,05). Tanto os agenciados quanto os não agenciados tiveram maiores percentuais de médio escore de timidez, os agenciados com 46,4% (58 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados com 39,4% (37 pessoas das 95 não agenciadas). Porem pode-se observar que os não agenciados têm uma tendência a ser mais tímido que os agenciados, representando 28,8% (36 pessoas das 131 agenciadas) e 33% (31 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 13 analisa os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Eros dos participantes.

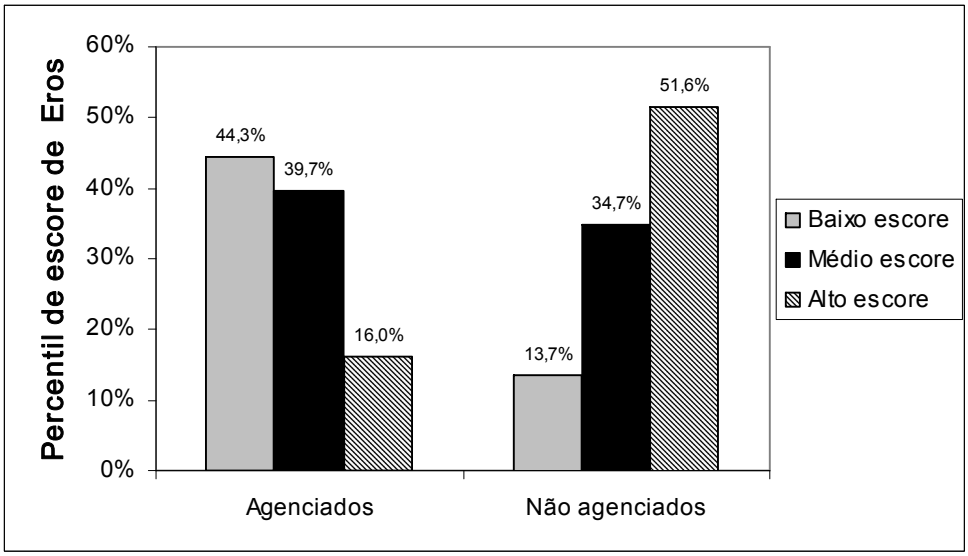


Figura 13: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Eros entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Eros de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2 =39,229; gl= 2; p < 0,01). Os não agenciados obtiveram maiores percentuais de alto escore de Estilo Eros, com 51,6% (49 pessoas das 95 não agenciadas), enquanto os agenciados tiveram menores percentuais do mesmo escore com 16% (21 pessoas das 131 agenciadas). Por outro lado, os agenciados tiveram maiores percentuais de baixo escore, representando 44,3% (58 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados tiveram 13,7% (13 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 14 mostra os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Ludus dos participantes.

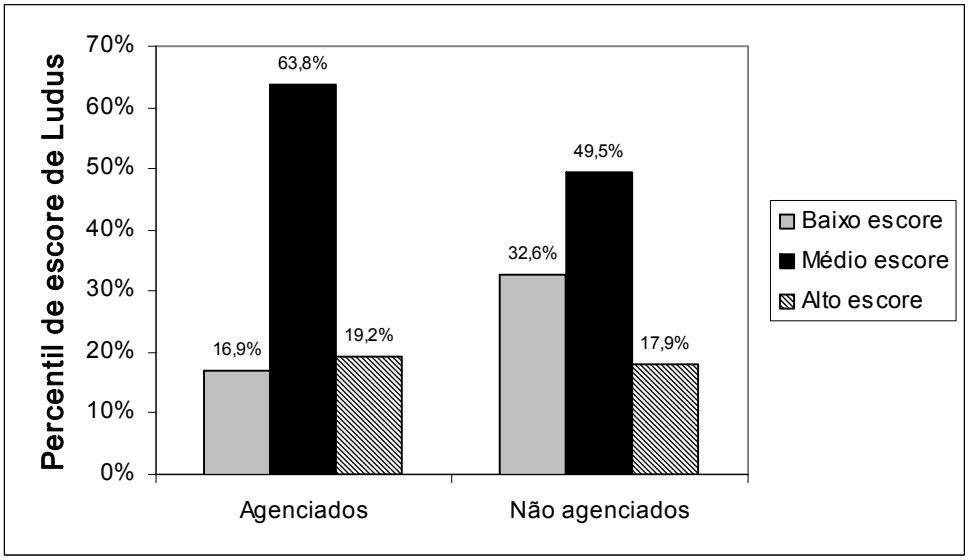


Figura 14: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Ludus entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Ludus de agenciados e não agenciados foi significativa (χ^2 =7,765; gl= 2; p < 0,05). Pode-se apontar que os agenciados tem menores percentuais de baixo escore de Ludus, sendo 16,9% (22 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados obtiveram um percentual mais elevado com 32,6% (31 pessoas das 95 não agenciadas). Tanto os agenciados quanto os não agenciados tiveram maior percentil de médio escore, respectivamente 63,8% (83 pessoas das 131 agenciadas) e 49,5% (47 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 15 analisa os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Estorge dos participantes.

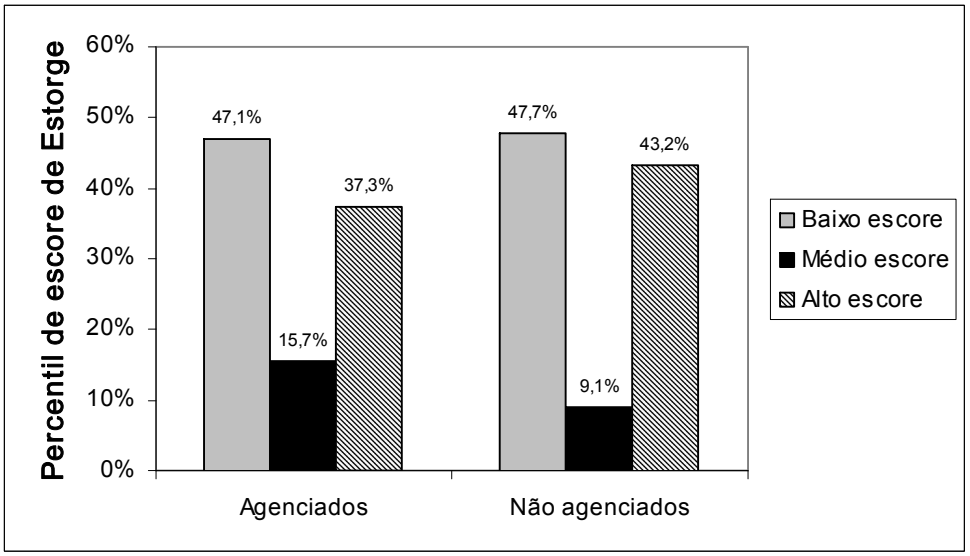


Figura 15: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Estorge entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Estorge de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2 =1,023; gl= 2; p > 0,05). Tanto agenciados como não agenciados obtiveram maiores percentuais de baixo escore de Estorge, sendo os agenciados representados com 47,1% (24 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados com 47,7% (21 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 16 mostra os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Mania dos participantes.

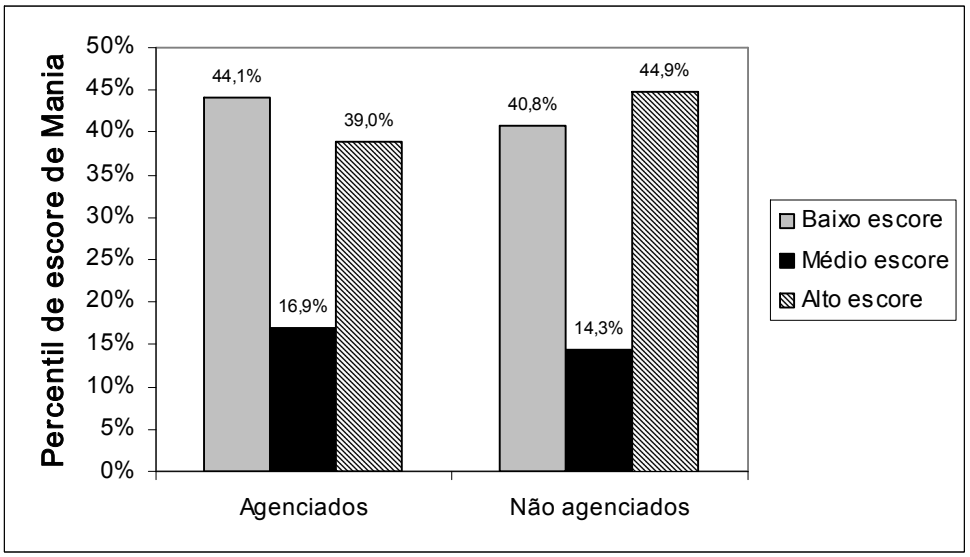


Figura 16: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Mania entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Mania de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2 = 0,412; gl= 2; p > 0,05). Observou-se que os agenciados obtiveram maiores percentuais de baixo de escore de Mania, sendo 44,1% (26 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados tiveram um maior percentual de alto escore com 44,9% (22 pessoas das 95 não agenciadas).

A Figura 17 analisa os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Pragma dos participantes.

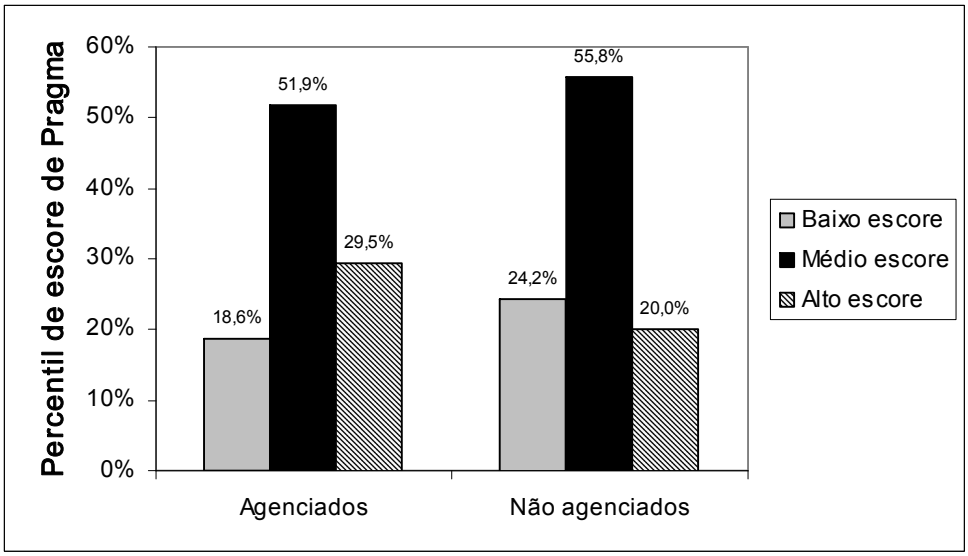


Figura 17: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Pragma entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Pragma de agenciados e não agenciados não foi significativa (χ^2 = 2,894; gl= 2; p > 0,05), mas há uma tendência maior para os agenciados. Ambos os casos obtiveram maiores percentuais de médio escore de Pragma, sendo os agenciados com 51,9% (67 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados com 55,8% (53 pessoas das 95 não agenciadas). Porém os agenciados obtiveram maior alto escore de Pragma (29,5%) com relação ao baixo escore. E os não agenciados tiveram maior percentual de baixo escore (24,2%) com relação ao alto escore.

A Figura 18 analisa os dados referentes aos agenciados e não agenciados e o percentil de escore do Estilo de Amor Ágape dos participantes.

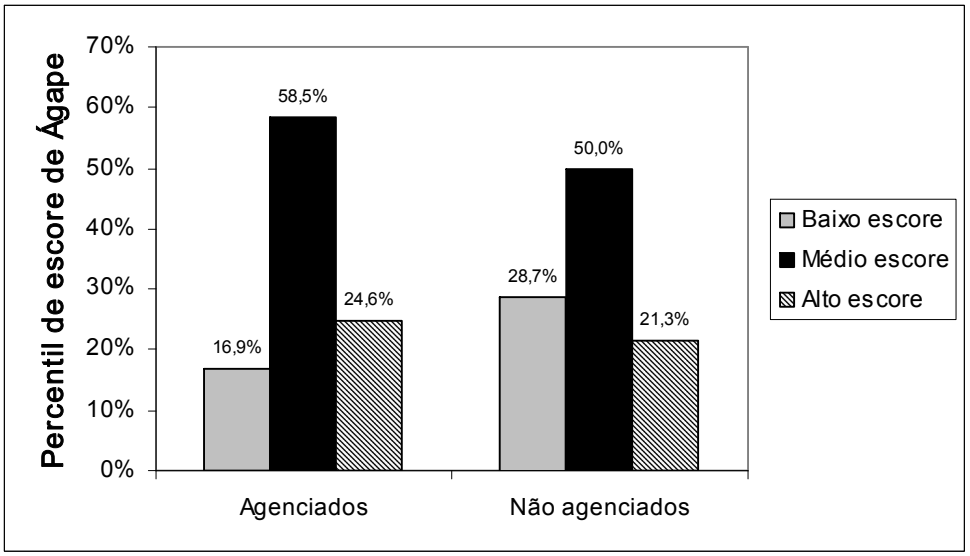


Figura 18: Histograma do percentil de escore do Estilo de Amor Ágape entre pessoas agenciadas e não agenciadas.

A relação entre o Estilo de Amor Ágape de agenciados e não agenciados não foi significativa ($\chi^2 = 4,446$; gl= 2; $p > 0,05$), mas houve uma tendência para os não agenciados. Observou-se que os agenciados e não agenciados obtiveram maiores percentuais de médio de escore de Ágape, sendo 58,5% (76 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados com 50% (47 pessoas das 95 não agenciadas). Também pode-se notar que os agenciados tiveram maior percentual de alto escore de Ágape com relação ao baixo escore, representando 24,6%. E os não agenciados obtiveram maior percentual de baixo escore com relação ao alto escore da mesma categoria, sendo ele de 28,7%.

DISCUSSÃO

Pessoas solteiras mais velhas tendem a procurar um relacionamento estável e seguro, enquanto os mais jovens ainda estão naquela de ficar. O ficar é justamente característica da juventude, porém existem adultos que aderem a esse tipo de relacionamento. Segundo Weber e Almeida o que diferencia o ficar do namorar “é o nível emocional, duração e grau de expectativas” (Weber & Almeida, 2006, pg. 17). Nessa pesquisa, 58,2% de todos os indivíduos tem entre 31 e 50 anos. A idade pode indicar que essas pessoas procuram um relacionamento mais sério, com um nível emocional maior que o simples “ficar”.

Partindo do pressuposto de que as mulheres investem mais na prole, sendo mais exigentes quanto à escolha de parceiros, levando em consideração questões futuras (Borrione & Lordelo, 2005), podemos inferir que as mulheres, maioria na pesquisa (mais que o dobro do numero de homens), podem estar enfrentando o problema de uma exigência elevada. Não encontrado um parceiro que se encaixe nos seus critérios, elas permaneceriam solteiras. O senso comum diz que mulheres querem amor e homens querem sexo, mas isso não é verdadeiro, pois se fosse assim, no caso feminino, o amor dominaria qualquer tendência para o sexo, que seria a recompensa de amar e ser amada. Os homens também querem amor, apesar de nem sempre demonstrarem isso, talvez mais que a maioria das mulheres. As mulheres estão sendo capazes de buscar o prazer sexual como componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos. (Giddens, 1993).

Se em nossa cultura a inteligência é, a principio, valorizada nos parceiros, e sendo ela “medida”, popularmente, pelo nível escolar das pessoas, por que um número tão alto de participantes (69%) com nível superior solteiros? Talvez um (possível) comportamento assertivo dessas pessoas escape à influência escolar. Ou talvez justamente o fato de terem um bom número de anos de ensino dificulta o encontro de pessoas com as mesmas características. Ou, ainda, essas pessoas podem estar procurando um parceiro em lugares errados. Mais uma hipótese seria que a variável idade tenha uma influencia maior que a escolaridade, no caso dessas pessoas.

A relação entre idade e timidez dos pesquisados não foi significativa, tanto as pessoas com menos de 30 anos, como as de 31 a 50 anos e as com mais de 50 anos, apresentaram médio escore de timidez. Isso pode indicar que ambas as faixas etárias na pesquisa enfrentam problemas parecidos quanto à timidez, o maior inimigo dos solitários, que dificulta aproximação deste com seus pretendentes (Amélio, Revista Veja, 13 de agosto

de 2003). É provável que os dois grupos não apresentem grandes diferenças quanto ao numero de escolhas que fizeram e em que época começaram a namorar, pois nenhum se mostrou extremamente tímido, diferente do que diria Oliveira e Segundo (s/d, apostila).

Vimos que em relação ao gênero e timidez, não houve diferença significativa entre os pesquisados. Mesmo não havendo significância, os homens procuram demonstrar menos seu estado de timidez. As mulheres já são mais abertas para confessar esse sentimento e com isso tem mais chances de promover uma alteração significativa, ou seja, tem a possibilidade de pararem de ser tímidas, pois podem buscar com menos resistência um tratamento e ate mesmo se auto-ajudarem através do reconhecimento da timidez.

E na relação entre escolaridade e timidez também não houve diferença significativa entre os pesquisados. A timidez não escolhe nível de escolaridade como requisito para se instalar, ou seja, em todas as faixas de escolaridade há uma presença de timidez em certos sujeitos, que se sentem desconfortáveis ou mesmo inibidos nas interações socias, pois se preocupam em demasia com as reações e opiniões dos outros e sua (Oliveira e Segundo, s/d, apostila). Sendo assim, podemos inferir que a timidez parece muito mais ligada à história de vida e a constituição genética do sujeito do que seu nível de escolaridade.

Mesmo os resultados não sendo significativos, na relação entre timidez e agenciados e não agenciados, se pressupõem que os agenciados são menos tímidos e mais pragmáticos, pois já sabem o que procuram e buscam por isso. Tímidos são os que não buscam, não escolhem, não procuram por aquilo que se deseja, ou até mesmo por aquilo que é comum, que se busque ou realize, entre os outros. Agenciados estão à procura, estão se empenhando e apostando para um encontro ideal, um encontro daquela pessoa com as características e virtudes que deseja. Por isso podemos afirmar que os agenciados tendem a ser menos tímidos do que os não agenciados.

Podemos inferir que existe uma tendência dos mais jovens à “autodesvalorização”, ao mesmo tempo em que os mais velhos parecem mais satisfeitos com o que tem, provavelmente devido à confiança adquirida durante a suas historias de vida, pois os resultados apontaram para uma relação significativa entre idade e auto-estima. Indivíduos com menos de 30 anos apresentaram, maiores índices de baixo escore de auto-estima, e indivíduos com mais de 50 anos mostraram maiores percentuais de alto escore em auto-estima. Se isso for verdade, o chamado meio cultural possui um papel importante: é ele que exige do jovem cada vez mais, e que reprova aqueles menos sucedidos (Conte & Brandão, 2003), fazendo com que avalie, de forma negativa, a sua competência (Marriel e cols., 2006).

Mas devemos perguntar por que os mais velhos, apresentando índices maiores de alto escore em auto-estima, estão entre os que mais aparecem nas agências de casamento. A resposta é complexa, mas podemos encontrar parte dela nos padrões culturais de produtividade e beleza, que dificultam o caminho da seleção de parceiros para as pessoas mais velhas.

Em relação ao cruzamento das variáveis gênero e auto-estima, não houve diferença significativa entre os participantes: os dois gêneros tiveram maiores escores nos extremos (baixo e alto escore). As mulheres tiveram maiores percentuais de alto escore de auto-estima, com uma pequena diferença com relação ao baixo escore. Isso pode indicar que as participantes da pesquisa se sentem valorizadas. Pó outro lado, os homens tiveram maiores percentuais de baixo escore de auto-estima, seguido dos percentuais de alto escore. Levando-se em conta que o gênero masculino, em nossa cultura, tende a associar sua auto-estima ao fracasso ou sucesso (Mruck, 1998; Gobitta & Guzzo), a pesquisa indicaria uma tendência desses homens, pelo menos na seleção de parceiros, a se considerar incompetente. Como ainda cabe ao homem “tomar a iniciativa”, uma história de fracassos na arte de cortejar provavelmente diminuirá sua auto-estima (Weber, 1998).

Como os dados indicam, a relação entre auto-estima de agenciados e não agenciados foi significativa. Os agenciados obtiveram maiores percentuais de baixo escore de auto-estima. Espera-se que pessoas com baixa auto-estima tenham dificuldades nos relacionamentos interpessoais, o que seria resultado justamente da sua história negativa de cortejamento (Weber, 1998). Essa história negativa se refletiria na diminuição da probabilidade de seleção de um parceiro que venha de encontro às suas expectativas e necessidades amorosas, o que justificaria, em parte, a busca por parte dessas pessoas pelas agências. Por outro lado, os não agenciados apresentaram maiores índices de alto escore de auto-estima. Isso não significa, necessariamente, que estes não encontrem dificuldades na seleção de parceiros amorosos, mas uma auto-estima elevada, resultante de uma história de reforço (Weber, 1998; Coopersmith 1989; Gobitta & Guzzo, 2002) contribui significativamente no momento de enfrentar os altos e baixos do cortejamento.

No cruzamento entre as variáveis sociabilidade e gênero, os resultados obtidos foram contra o senso comum, que costuma considerar as mulheres como protótipos de sociabilidade: não houve relação significativa entre ambas. A maior parte dos entrevistados apresentou médio escore de sociabilidade. Por outro lado, pode-se observar que não há muita diferença entre os percentuais de médio e alto escore de sociabilidade masculino. É

interessante observar que todos os participantes obtiveram ínfimos percentuais de baixo escore de sociabilidade. Não se descarta a hipótese de que os respondentes da pesquisa foram, em sua maioria, pessoas que tendem a apresentar alto grau de sociabilidade.

Embora a relação entre sociabilidade e agenciados e não agenciados não tenha sido significativa, notou-se que os não agenciados são mais sociáveis. Sendo a sociabilidade um fator importante nas relações interpessoais, podemos inferir que os não agenciados apresentam mais esse tipo de comportamento, enquanto que os agenciados não conseguiriam lidar com ele - pelo menos não tão bem quanto os não agenciados - o que seria mais uma explicação para a sua busca por agencias de relacionamento. Isso não significa, entretanto, que os agenciados são extremamente não sociáveis, pois eles obtiveram maiores percentuais de médio escore em sociabilidade.

Os resultados sobre os estilos de amor de agenciados e não agenciados foram interessantes. Como se sabe, Eros é um estilo de amor em que a pessoa se comporta de forma segura, sem ser possessiva, e capaz de se apaixonar “a primeira vista”. A pessoa não teme se entregar ao amor, e nem está ansiosa para encontrar um parceiro e se apaixonar (Amélio, 2001). Na pesquisa, a relação entre o Estilo de Amor Eros de agenciados e não agenciados foi significativa. O que pode-se inferir é que as pessoas cadastradas tendem a procura um parceiro com certa ansiedade, e não tendem a se apaixonar a primeira vista, diferentemente das não cadastradas. Essa tendência é vista em outros dados: os agenciados tiveram maiores percentuais de baixo escore no estilo Eros, representando 44,3% (58 pessoas das 131 agenciadas) e os não agenciados tiveram 13,7% (13 pessoas das 95 não agenciadas).

A significativa relação entre o estilo de amor Ludus e as variáveis agenciados e não agenciados indica que os primeiros teriam uma tendência a encarar o amor como uma espécie de jogo, com diferentes “jogadores”, onde o que vale é a sedução e a liberdade sexual (Amélio, 2001). Pode-se inferir que esse resultado é pertinente, pois para o sujeito encontrar alguém com as características e virtudes que deseja deve conhecer varias pessoas – jogar várias vezes -, para que dessa forma possa verificar se encontrou o que tanto procura ou ainda não.

Com relação aos dados referentes ao estilo de amor caracterizado pelas semelhanças entre os parceiros, nascido de uma longa amizade, chamado de Estorge (Amélio, 2001), eles mostraram que a relação entre este de agenciados e não agenciados não foi significativa. Tanto agenciados como não agenciados obtiveram maiores percentuais de baixo escore de

Estorge. No caso dos agenciados, esse resultado poderia ser previsto, visto que eles procuram um parceiro amoroso de um modo distinto do comum, conhecendo pessoas novas. Pó outro lado, no caso dos não agenciados, um baixo escore nesse estilo de amor mostra que essas pessoas tenderiam a não buscar relacionamento com aqueles que lhe compartilham os mesmos interesses que elas, o que pode diminuir as probabilidades de um relacionamento promissor.

Há uma tendência em concluir-se que, do estilo de amor Mania, todas as pessoas têm um pouco. Agenciados e não agenciados quase empataram em porcentagem de pessoas que possuam ou não esse estilo de amor, ou seja, não houve significância. Uma amostra maior poderá dar essa informação em uma futura pesquisa, porém se observa uma tendência de que os agenciados possuem menos integrantes com esse estilo de amor. Logo os não agenciados parecem ter mais possibilidades de serem mais ciumentos e obsessivos, pois o estilo de amor Mania é caracterizado pelo ciúme e as continuas tentativas de atrair a atenção do parceiro.

Da “mistura” entre os estilos de amor Ludos e Estorge, surge o Pragma, que enfatiza a compatibilidade dos parceiros e suas necessidades mútuas de satisfação. Há uma seleção mais criteriosa de parceiros nesse estilo de amor (Amélio, 2001). Os dados da pesquisa indicam que a relação entre o Estilo de Amor Pragma de agenciados e não agenciados não foi significativa. Ambos os casos obtiveram maiores percentuais de médio escore de Pragma, sendo os agenciados com 51,9% e os não agenciados com 55,8%. Porém os agenciados obtiveram maior alto escore de Pragma com relação ao baixo escore. Em agencias de relacionamento, os critérios de seleção são mais explícitos: os cadastrados podem escolher com que tipo de pessoa querem iniciar algum tipo de relacionamento. Apesar de não haver diferenças significativas, pode-se inferir que eles tendem a ser mais pragmatistas, em comparação com os não agenciados, que apresentaram maior percentual de baixo escore com relação ao alto escore. E, fazendo parte do grupo dos agenciados, o início do relacionamento não se daria pela tradicional troca de olhares e o desejo de conhecer o outro (Segundo e Oliveira, s/d, apostila), e sim pelos critérios pré-estabelecidos pelo perfil do agenciado – que podem ir desde aspectos fenotípicos, passando por faixa etária, a aspectos socioeconômicos.

Mesmo o resultado no estilo de amor Ágape não sendo significativo, se vê uma tendência desse estilo de amor estar mais presente entre os agenciados. Nas agências os sujeitos procuram um parceiro possivelmente para amar, respeitar e cuidar. Um

relacionamento onde os sentimentos sejam recíproco onde o egoísmo não prevalece. Ágape é composto por Estorge Eros, onde há uma grande preocupação em auxiliar o parceiro e resolver seus problemas são centrais nesse estilo. Ausência de egoísmo também é uma característica desse estilo de amor (Amélio, 2001).

Concluindo sobre alguns aspectos quanto aos estilos de amor, pode-se dizer que os agenciados são mais pragmáticos na hora de escolher um parceiro, porém precisam estar com um número maior de parceiros para uma comprovação ou teste de que aquele seria a pessoa certa. Isso também acontece com os não agenciados, mas um número maior de agenciados possuem o estilo de amor ludus. Agenciados são menos tímidos que os não agenciados, pois buscam por seus ideais nas relações de uma forma mais direta e consistente, porém os não agenciados são mais sociáveis.

Os dados dessa pesquisa sugerem que novas pesquisas na área devem ser feitas, visto o crescente número de pessoas que busca auxilio em agencias matrimoniais. Novas variáveis poderiam ser incluídas, como o nível socioeconômico dos participantes. Outra sugestão seria o cruzamento da variável gênero com as variáveis agenciado e não agenciado, a fim de descobrir a divisão de gênero entre cada grupo, além de cruzamentos entre os estilos de amor e as variáveis: timidez, sociabilidade e auto-estima. Talvez o uso de uma amostra maior, ou que desse acesso a grupos de outros estados brasileiros, poderia fornecer uma visão nacional do tema.

REFERÊNCIAS

Almeida, D. C. & Weber, L. N. D. (2006). *Ficar, namorar e casar: O que a sociedade contemporânea pensa a respeito destas formas de relacionamento amoroso? Estudo de casos múltiplos.* Monografia de conclusão de curso de Psicologia da UFPR. Curitiba, junho de 2006.

Amélio, A. (2001). *O mapa do amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder*. São Paulo: Gente.

Antunes, C. (1999). *Alfabetização emocional: novas estratégias*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bandeira, M.; Machado, E. L.; Pereira, E. A (2002). *Reinserção social de psicóticos: componentes verbais e não-verbais do comportamento assertivo, em situações de fazer e receber críticas*. Psicologia: Reflexão e Critica, 15(3), pp. 665-675.

Borrione, R. & Lordelo, E. (2005). *Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental*. Interação em Psicologia, Vol. 9, nº 1.

Canechio,O. (2006). *Para não errar o alvo.* Obtido do Word wide web em 23/09/2006 http://veja.abril.com.br/vejasp/130803/comportamento.html.

Conte, Fátima Cristina & Brandão, Maria Zilah da Silva (Org.). (2003). *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando idéias.* Arapongas: Mecenas.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

Gobitta, Mônica & Guzzo, Raquel Souza Lobo. *Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A.* (2002). Psicologia: Reflexão e Critica, Porto Alegre, 15(3), pp. 143-150.

Marriel, Lucimar Câmara e cols. . *Violência escolar e auto-estima de adolescentes* (2006). Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, pp. 35-50.

Monteiro , L. (2006). *O dom da flechada*. Veja São Paulo Obtido do Word wide web em 23/09/2006 http://veja.abril.com.br/vejasp/160604/comportamento.html.

Oliveira, M. & Segundo, S. A. *A Ciência da paquera.*

Ruiz, S. & Granato, A. *A rebelião dos tímidos*. Obtido do Word wide web em 23/09/2006 http://veja.abril.com.br/260599/p_122.html.

Veiga, A. O casamento morreu. Viva o casamento! Obtido do Word wide web em 24/09/2006 http://veja.abril.com.br/110899/p_098.html.

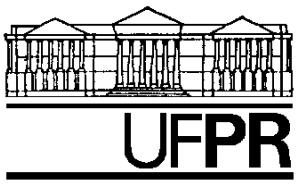
Weber, L.N.D. (1998). *Sinais não-verbais do flerte*. Psicologia Argumento, XXIII, 25-36.

Weber, L. N. D. (2006). *O que as mulheres desejam nos homens?.* Departamento de Psicologia. Apostila de Disciplina Relacionamento Amoroso. Circulação interna.

Weber, L. N. D. (2006). *Os homens querem algo mais nas mulheres...* Departamento de Psicologia. Apostila de Disciplina Relacionamento Amoroso. Circulação interna.

ANEXOS

ANEXO A



Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Psicologia
NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Entendo que me foi solicitado a minha participação em uma pesquisa sobre RELACIONAMENTOS AMOROSOS coordenada pela Profª Drª Lidia Weber do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Para minha parte neste estudo, foi-me solicitado completar cinco questionários, o que irá exigir aproximadamente 30 minutos do meu tempo. Entendo que não há riscos previsíveis na participação e fui encorajado a fazer quaisquer perguntas para esclarecer minha participação. Não há benefícios diretos pela minha participação, mas esta pesquisa ajudará os pesquisadores aprender como estão e são percebidos os relacionamentos amorosos de adultos interessados em encontrar um parceiro. Todas as minhas folhas de respostas serão anônimas e serão mantidas de forma estritamente confidencial e os dados da pesquisa serão tratados de maneira estatística, portanto nenhum questionário será analisado sob base individual, somente como grupo. Esta folha de Consentimento ficará separada do questionário da pesquisa para que não possa haver qualquer identificação do participante. Caso eu tenha dúvidas poderei entrar em contato no Núcleo de Análise do Comportamento da UFPR, telefone (41) 3310-2644 ou enviar um e-mail para a coordenadora lidia@ufpr.br. Entendo que a minha participação é voluntária e que poderei retirar a minha participação a qualquer momento sem sofrer qualquer penalidade, portanto, concordo em participar desta pesquisa. Este é um consentimento enviado por meio de Internet, assim coloco o número da minha identicidade e o meu nome completo.

Curitiba, _____ de _____ de 2006.

RG: _____

Nome : _____

ANEXO B

UFPR -– DEP PSICOLOGIA - NÚCLEO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Caro(a) participante: Esta é uma pesquisa do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e pretende esclarecer alguns conceitos e a realidade sobre amor romântico e seleção de parceiros. A sua participação será voluntária e gostaríamos que você fosse completamente sincero em suas respostas, pois não será feito nenhum tipo de identificação individual e nem mesmo do local onde os dados forem coletados. Os dados sempre serão agrupados de maneira estatística e não individual e preservados o sigilo e a ética das pesquisas em Psicologia. Para maiores esclarecimentos você poderá entrar em contato com a Professora Lidia Weber (CRP 08/0774) na UFPR (41) 3310-2669 ou pelo e-mail lidia@ufpr.br. Agradecemos a sua colaboração! Fique à vontade para escrever qualquer observação que desejar ☺.

1.**Idade**: ____ 2.**Sexo**: ( )F ( )M 3.**Escolaridade** _____ 4.**Trabalha?** ( )Sim ( ) Não. **Se sim,** profissão: ____

5.Já foi casado(a)? ( ) Sim ( ) Não . **Se sim, quantas vezes? ____ Se sim, é separado ou viúvo? _____**

6.Quanto tempo durou seu relacionamento mais longo?_____ 7.**Há quanto tempo você está sozinho(a)? ___**

8.Há quanto tempo você "ficou" com alguém? _____ 9.**Você está muito acima do peso?** ( )Sim ( )Não

10.Tem filhos? ( )sim ( )não **Quantos? _____Qual a idade deles? _____**11.**Tem netos?** ( )Sim ( )Não

12.Com quem vc mora hoje? _____ 13.Você já viveu com alguém? ( )Sim ( )Não. Quanto tempo? ____

ANEXO C

ESCALA DE TIMIDEZ E SOCIABILIDADE DE CHEEK & BUSS

Responda as questões marcando um "X" em um número de 0 a 4 (o 0 significa que a frase não te caracteriza, o 4 significa que a frase te caracteriza muito), veja o exemplo de como você deve assinalar:

1 - Eu tenho certa dificuldade na área social.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

2 - Eu acho difícil falar com estranhos.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

3 - Eu sinto tensão quando estou com uma pessoa que não conheço bem.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

4 - Quando estou conversando eu fico preocupado em não dizer coisas idiotas.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

5 - Eu fico nervoso quando estou falando com uma autoridade.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

6 - Eu geralmente fico desconfortável em festas e outros tipos de reuniões sociais.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

7 - Eu fico inibido em situações sociais.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

8 - Eu tenho dificuldades em olhar alguém diretamente nos olhos.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

9 - Eu sou mais tímido com pessoas do sexo oposto.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

10 - Eu gosto de estar com as pessoas.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

11 - Eu gosto das oportunidades de me encontrar socialmente com as pessoas.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

12 - Eu prefiro trabalhar com outras pessoas ao invés de trabalhar sozinho.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

13 - Eu acho as pessoas mais estimulantes do que qualquer outra coisa.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

14 - Eu ficaria infeliz se eu fosse impedido de fazer muitos contatos sociais.
Extremamente não característico (0) (1) (2) (3) (4) Extremamente característico

ANEXO D

ESCALA DE AUTO-ESTIMA DE ROSEMBERG

Leia as seguintes perguntas e marque um “X” na opção que corresponde ao que você pensa:

1. Eu sinto que eu sou uma pessoa de valor, pelo menos eu tenho valor como as outras pessoas.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

2. Eu sinto que eu tenho diversas qualidades boas.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

3. Levando em conta todos os aspectos eu sinto que eu sou um fracasso.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

4. Eu sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

5. Eu sinto que eu não tenho muito do que sentir orgulho em mim mesmo(a)
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

6. Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo(a).
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

7. Em geral, eu estou satisfeito comigo.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

8. Eu gostaria que eu pudesse ter mais respeito por mim mesmo(a).
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

9. Eu certamente me sinto inútil às vezes.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

10. Às vezes eu penso que eu não sou bom em coisa alguma.
( ) 1. Discordo totalmente ( ) 2.Discordo ( ) 3.Nem concordo nem discordo ( ) 4.COncordo ( ) 5.Concordo totalmente

ANEXO E

INVENTÁRIO ASSERTIVO ELMON & ELLIS

Tudo o que você tem a fazer é marcar um X na opção em que você mais se encaixar. Marque SIM quando você sempre fizer, ou na maioria das vezes; Marque ÀS VEZES quando você ficar em dúvida ou quando achar que está na média (entre o sim e o não); Marque NÃO quando for algo que raramente ou nunca você faz.

QUESTÕES	SIM	ÀS VEZES	NÃO
1. Quando uma pessoa se mostra injusta, você lhe diz isso?			
2. Você acha difícil tomar decisões?			
3. Você critica abertamente as opiniões, comportamentos e idéias dos outros?			
4. Você protesta em voz alta quando tomam seu lugar na fila?			
5. Você geralmente evita as pessoas ou situações por medo?			
6. Você geralmente confia no seu próprio julgamento?			
7. Você insiste para que seu (sua) esposo (a) ou colega de quarto faça sua parte no serviço de casa?			
8. Você é propenso a perder o controle?			
9. Quando o vendedor insiste, você acha difícil dizer “não”, mesmo se a mercadoria não lhe interessa?			
10. Quando uma pessoa chega depois de você e é atendido(a) primeiro, você denuncia a situação?			
11.Você reluta em falar numa discussão ou debate?			
12. Se uma pessoa tomou dinheiro emprestado (ou livro, roupa, coisa de valor) e demora a devolver, você lhe lembra isso?			
13. Você insiste em um argumento depois que a pessoa já se cansou da discussão?			
14. Você geralmente expressa seus sentimentos?			
15.Você se sente inseguro se alguém fica olhando você trabalhar?			
16. Se alguém fica chutando sua carteira no cinema ou em uma conferência, você pede que pare?			
17.Você acha difícil olhar nos olhos da pessoa com quem está falando?			
18.Em um bom restaurante, quando a comida não está bem feita ou bem servida, você pede ao garçom que corrija a situação?			
19. Quando você percebe que a mercadoria está defeituosa, você a devolve ou pede que seja substituída?			
20.Você demonstra sua raiva dizendo obscenidades ou xingando?			
21. Você tenta passar despercebido, como uma parte da decoração ou da mobília, em situações sociais?			
22.Você insiste que seu senhorio (mecânico, etc.) faça consertos, ajustes ou substituições que são da responsabilidade dele?			
23.Você geralmente toma a frente e decide pelos outros?			
24. Você é capaz de expressar abertamente amor e afeição?			

25.Você consegue pedir aos amigos ajuda ou pequenos favores?			
26.Você acha que sempre tem a resposta certa?			
27.Quando você diverge de alguém que respeita, tem coragem de defender o seu ponto de vista?			
28.Você é capaz de recusar pedidos não razoáveis feitos por amigos?			
29.Você tem dificuldade de elogiar alguém?			
30.Se você fica incomodado quando os outros fumam perto de você, tem coragem de dizer isso?			
31.Você grita ou usa técnicas absurdas para obrigar os outros a fazerem o que você quer?			
32.Você termina as frases dos outros por eles?			
33.Você se envolve em lutas físicas com outros, especialmente com estranhos?			
34.Nas refeições familiares, você é o que sempre controla a conversa?			
35.Quando você é apresentado a alguém, você é o primeiro a puxar assunto?			

ANEXO F

ESCALA DE ESTILOS DE AMOR DE LEE

Você está sem parceiro atualmente, mas gostaria que você respondesse como GERALMENTE se sente em uma relação amorosa com alguém, certo? Marque com um "X" no parênteses de cada número (ou de cada número), indicando o quanto você concorda ou discorda de cada uma das afirmações apresentadas.

1. **Quando meu(minha) parceiro(a) não presta atenção em mim eu me sinto muito mal.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

2. **Meu(minha) parceiro(a) e eu temos de ter a química certa entre nós.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

3. **Meu parceiro poderia ficar chateado se soubesse sobre algumas coisas que tenho feito com outras pessoas.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

4. **Quando estou amando eu tenho dificuldade de me concentrar em qualquer outra coisa.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

5. **Eu não consigo relaxar se suspeitar que meu(minha) parceiro(a) está com outra (o).**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

6. **Quando estou amando eu sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

7. **Eu gosto de praticar o "jogo do amor" (ter vários parceiros) com diferentes parceiros(as) ao mesmo tempo.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

8. **A principal consideração na escolha de um(a) parceiro é como ele(a) será encarado pela minha família.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

9. **Às vezes, quando o meu(minha) parceiro(a) me ignora, eu faço besteiras para conseguir sua atenção novamente.**
   Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

10. **Um fator importante na escolha do(a) parceiro(a) é se ele(a) vai ser ou não um bom(a) pai(mãe).**

Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

11. Quando estou amando, meu parceiro e eu realmente nos entendemos um com o outro.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

12. Uma consideração na escolha do(a) parceiro(a) é como ele(a) vai afetar minha carreira.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

13. Eu prefiro sofrer a deixar meu(minha) parceiro(a) sofrer.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

14. Antes de me tornar muito envolvido com alguém eu tento imaginar quão compatíveis são as nossas características hereditárias para o caso de um dia termos filhos.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

15. Geralmente meu(minha) parceiro(a) deve corresponder ao meu padrão físico ideal de beleza.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

16. Para eu ser feliz tenho que colocar a felicidade do(a) meu (minha) parceiro (a) antes da minha.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

17. Eu geralmente sacrifico meus próprios desejos para que meu(minha) parceiro(a) realize os seus.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

18. O melhor tipo de amor é aquele que se desenvolve a partir de uma longa amizade.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

19. Eu acredito que aquilo que meu(minha) parceiro(a) não sabe sobre mim não irá feri-lo.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

20. Na maioria dos meu relacionamentos que tive, foi uma que amizade se transformou em amor ao longo do tempo.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

21. Às vezes tive que me manter dois de meus(minhas) parceiros(as) sem um saber um do outro.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

22. O amor é uma amizade profunda, não uma emoção misteriosa e mística.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

23. Minhas melhores relações amorosas desenvolveram-se a partir de boas amizades.
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente

24. Eu suportaria tudo pelo (a) meu (minha) parceiro (a).
Discordo fortemente ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 Concordo fortemente